

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FABIANA MARTINS FARIAS

**NARRATIVAS SOBRE AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS LICENCIANDOS
SURDOS NO CURSO DE GEOGRAFIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES
DE PARINTINS**

Parintins

2021

FABIANA MARTINS FARIAS

**NARRATIVAS SOBRE AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS LICENCIANDOS
SURDOS NO CURSO DE GEOGRAFIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES
DE PARINTINS**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia apresentado à Universidade do Estado
do Amazonas como exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª MSc Francica Keila de Freitas Amoedo
Co-orientadora: Prof^ª Dra. Simone Souza Silva

Parintins

2021

FABIANA MARTINS FARIAS

**NARRATIVAS SOBRE AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS LICENCIANDOS
SURDOS NO CURSO DE GEOGRAFIA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES
DE PARINTINS**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia apresentado à Universidade do Estado do
Amazonas como exigência para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a MSc Francisca Keila de Freitas Amoedo

Co-orientadora: Prof^a Dra Simone Souza Silva

Aprovado em: 21/07/2021

BANCA EXAMINADORA



Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo

Universidade do Estado do Amazonas



Prof^a Msc. Marlom Jorge da Silva Azevedo

Universidade do Estado do Amazonas



Prof^a Msc. Danilza de Souza Teixeira

Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTO

A Deus, em primeiro lugar, que me presenteia com a vida neste tempo tão difícil, cuidando de mim e dos meus. Ele proporciona-me também condições para interagir com surdos e ouvintes favorecendo a produção de conhecimentos tais como os que são aqui apresentados. Dou graças a Deus pela oportunidade de ingressar e de concluir esse curso realizado entre tantas idas e vindas. Ele é bom e sem ele eu nada seria.

Aos meus pais que me ensinaram a enfrentar a luta da vida diária acreditando na minhas potencialidades. Quero agradecer, em especial, a minha mãe, que sempre me apoiou em minhas lutas e conquistas. Sei que todo seu sacrifício não foi em vão. Submeteu-se a suor, trabalho e lutas para superar as muitas dificuldades,

Ao Centro de Estudos Superiores de Parintins/ CESP-UEA em nome e a todo corpo docente, em especial ao Colegiado de Pedagogia e Geografia.

Aos participantes acadêmicos surdos, professores e intérpretes de Libras que contribuíram para a realização desta pesquisa de modo colaborativo. Aprendemos e ensinamos juntos.

E, por fim, quero agradecer especialmente aos surdos que participaram desta pesquisa: obrigada pelos longos relatos que permitiram minha melhor compreensão das angustias e das alegrias. Em nome de vocês agradeço ao povo surdo de Parintins Com vocês aprendi a olhar mais do que falar. Aprendi que a beleza da vida está no amor que respeita a diferença.

RESUMO

O propósito desse estudo foi analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de geografia /CESP-UEA Como objetivos específicos esperava-se conhecer alguns fatores que contribuíram na constituição da profissionalidade docente desses sujeitos, identidade docente e desafios enfrentados por eles em suas trajetórias acadêmica. Foram realizadas entrevistas com professores, acadêmicos surdos e intérpretes de Libras CESP/ UEA. Na qual fundamentamos através de estudos teóricos como: Daroque (2011), Imbernón (2016), Lacerda (2006), Palma (2004), Quadros (2004), Silva (2000), Skilar (1997). Estes que trazem através de suas pesquisas assuntos importante acerca da inclusão no âmbito. A natureza do estudo é de caráter qualitativo, com abordagem fenomenológica e apoio da pesquisa narrativa. A técnica para coletas de dados foi a entrevista semiestruturada realizada com surdos, professores e intérpretes. Os resultados da pesquisa apontam que há dificuldades entre surdos e ouvintes no que refere-se a comunicação, além disso é relatado o preconceito com os surdos, dificuldades nas aulas remotas em Pandemia da COVID-19, dentre outros. Deste modo, espera-se, por meio deste, contribuir para novas discussões de pesquisas acerca da Educação Inclusiva de surdos.

Palavras-chave: Ensino Superior. Surdo. Professor. Intérprete

ABSTRAT

The purpose of this study was to analyze the experiences through the narratives of deaf undergraduates of the geography course /CESP-UEA. As specific objectives, it was expected to know some factors that contributed to the constitution of the teaching professionalism of these subjects, teaching identity and challenges faced by them in their academic trajectories. Interviews were conducted with professors, deaf academics and interpreters of Libras CESP/UEA. On which we base through theoretical studies such as: Daroque (2011), Imbernón (2016), Lacerda (2006), Palma (2004), Quadros (2004), Silva (2000), Skilar (1997). These who bring through their research important issues about inclusion in the scope. The nature of the study is qualitative, with a phenomenological approach and support for narrative research. The technique for data collection was a semi-structured interview conducted with deaf people, teachers and interpreters. The survey results indicate that there are difficulties between deaf and hearing people with regard to communication, in addition, prejudice against the deaf is reported, difficulties in remote classes in the COVID-19 Pandemic, among others. In this way, it is expected, through this, to contribute to new research discussions about the Inclusive Education

Keywords: Higher Education. Deaf. Teacher. Interpreter

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem de Manaus	17
Figura 2: Defesa do Mestrado Profº Hamilton	20
Figura 3: Defesa do Mestrado Prof Marlom Jorge	21
Figura 4: Vídeo sobre a Pandemia da Covid-19	22
Figura 5: Professora-SEMED/Parintins	23
Figura 6: Sinal da Acadêmica Fatima.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 7: Sinal da Acadêmica Gláucia.	Erro! Indicador não definido.
Figura 8: Entrada do Centro de Estudos Superiores de Parintins.....	32
Figura 9: Oficina de Libras.....	35
Figura 10: Oficina de Libras.....	35
Figura 11: A comunicação entre surdos, intérpretes e docentes.....	56

LISTA DE QUADROS

Tabela 1: Presença de surdos em cursos de graduação do CESP/UEA no ano de 2021.	23
Tabela 2: Presença de surdos em cursos de graduação do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia- ICSEZ no ano de 2021.	24
Tabela 3: matriz curricular do curso de geografia do CESP/UEA	27
Tabela 4: Professores de geografia do CESP/UEA	28
Tabela 5: Narrativas da licencianda surda “Maria Flor” do curso de Licenciatura em Geografia	37
Tabela 6: Narrativas da licencianda surda “Margarida” do curso de licenciatura em Geografia	38
Tabela 7: Entrevista com a professora “Ana” do curso de geografia	45
Tabela 8: Entrevista com o professor “Lucas” do curso de Geografia.....	46
Tabela 9: Entrevista com a professor “Mateus” do curso de geografia.....	47
Tabela 10: Entrevista com a intérprete “Begônia”	52
Tabela 11: Entrevista com a intérprete “Azaléia”	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.....	
CESP: Centro de Estudos Superiores de Parintins	
COPPS: Comissão de Políticas Para Pessoas Suradas.	
IFAM: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.....	
LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais.	
NEE: Necessidade Educativas Especiais.....	
UEA: Universidade do Estado do Amazonas.....	
UFAM: Universidade Federal do Amazonas	
UFRA: Universidade Federal Rural do Amazonas	

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1. Inclusão enquanto Direito da Pessoa Surda	12
1.2. O Que diz a Legislação Sobre a Educação de Surdos	14
1.3. História dos Surdos no Ensino Superior	15
1.4. O Ensino Superior no Amazonas com a inclusão de surdos.....	17
1.5. O Curso de Licenciatura em Geografia no CESP/UEA	24
1.6. A Formação do Acadêmico Surdo no Curso de Geografia no CESP/UEA.....	28
CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO	30
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	32
3.1. Resultados e Discussão.....	32
3.2. O Centro de Estudos Superiores de Parintins e os Caminhos de Inclusão	32
3.3. Antes da Pandemia: oficina de práticas pedagógicas acessíveis para acadêmicos surdos e ouvintes.....	34
3.4. Vivências e Experiências das Licenciadas Surdas no Curso de Geografia	36
3.5. Análise de Dados das Entrevistas com as Licenciandas Surdas.....	40
3.6. Relatos dos Professores Sobre as Experiências em Sala de Aula com Surdos no CESP	44
3.7. Análise dos Resultados das Entrevistas com os Professores.....	48
3.8. A Importância do Interprete-Tradutor no Curso de Geografia do CESP.	50
3.9. Análise dos Resultados da Entrevista com Tradutores-Intérpretes.	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	60
Apêndice A	63
Apêndice A	64
Apêndice A	65
Apêndice A	66
Apêndice B	67
Apêndice C	68
Apêndice D	69

INTRODUÇÃO

A temática que estamos apresentando atualmente pretende dar voz aos acadêmicos surdos na área de humanas, dando ênfase aos licenciandos surdos do curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, os quais estarão relatando as experiências vivenciadas no decorrer do período e durante a pandemia que se alastrou em todo País, fazendo com que a educação sofresse mudanças diante do desafio apresentado, considerando a necessidade do isolamento social por conta da corona vírus.

Como acadêmica do curso de pedagogia do CESP/ UEA, ao ver um número de acadêmicos surdos comunicando-se em LIBRAS nas dependências do CESP, emergiu a vontade de realizar pesquisas referente a comunidade surda no Ensino Superior, assim a oportunidade surgiu a partir de projetos de extensão, iniciação científica e monitoria na disciplina de Psicologia da Aprendizagem, disciplinas que contribuíram e fizeram com que percebesse a necessidade de pesquisas relacionadas a temática. Algumas indagações transitam no processo de escolha dos sujeitos da pesquisa serem do curso de Geografia e não de pedagogia, considerando a formação que estava tendo, todavia durante as pesquisas de extensão e iniciação científica percebemos um número maior de acadêmicos surdos na área de humanas no curso de geografia, estes que estavam diariamente no CESP /UEA, no contra turno das aulas.

Assim truncamos o objetivo geral com intuito de analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de Geografia do CESP-UEA. Tal objetivo traz a luz os objetivos específicos pautados na temática apresentada e desenvolvidos por meio de tentar sanar as possíveis indagações referentes a essa formação a partir do olhar do licenciando surdo do curso de Geografia, e assim seguimos a pesquisa inicialmente fazendo o levantamento dos estudantes surdos do nível superior no curso de geografia que frequentam o Centro de Estudos Superiores de Parintins. Em seguida, procuramos conhecer as experiências vivenciadas pelos acadêmicos surdos do curso de Geografia no CESP/UEA, como eles vivenciam a formação universitária. E posteriormente buscamos identificar juntos aos acadêmicos surdos, professores e intérpretes do curso de Geografia quais os principais desafios no que refere-se a acessibilidade dos mesmos no Ensino Superior.

A importância social e educacional desse trabalho paira sobre a necessidade de conhecer as vivências e experiências do estudante surdo dentro do processo de inclusão no Centro de Estudos Superiores de Parintins, lembrando que futuramente estes estudantes estarão

sendo também incluídos por meio de PSS , ou concurso público para professor de Geografia em escolas públicas e privadas, pois a formação acadêmica dos mesmos os torna professores na área que concluíram a formação acadêmica e não apenas professor de Libras por serem surdos

Esperamos que o resultado deste estudo colabore com a reflexão quanto as vivências e experiência do estudante surdo no Centro de Estudos Superiores de Parintins. E que através deste, outros estudos venham discutir a importância da educação inclusiva em todas as áreas do conhecimento e especificamente nos cursos de formação docente. E que também possa contribuir para as reflexões sociais acerca da inclusão de pessoas surdas em todos os espaços que essas estejam.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Inclusão enquanto Direito da Pessoa Surda

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajuda-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo. Terje Basilier

Ao longo do processo histórico que envolve o contexto da inclusão é possível observar que os surdos passaram e passam por inúmeros desafios para que seus direitos fossem garantidos na sociedade, pois devido a uma desvalorização da Libras enquanto língua os mesmos acabam passando por situações difíceis refletidas em seu cotidiano. E isso desencadeia um processo de dificuldades no acesso a comunicação e uma barreira que precisa ser vencida para que os estigmas sejam realmente superados, especialmente quando se trata de licenciados surdos dentro do processo de formação de professores, os quais futuramente estarão adentrando as escolas.

Deste modo, as atitudes de aniquilar qualquer ação preconceituosa é o que impulsiona a remoção de barreiras e com isso é irrefutável ao indivíduo o seu acesso a todos os direitos básicos garantidos constitucionalmente. Castro e Carvalho (2011, p.15) afirmam que:

No passado, o preconceito contra os surdos foi algo muito forte e cruel, que resultava, muitas vezes, na exclusão deles da sociedade, privando-os de direitos básicos constitucionais. Especialmente os surdos que não desenvolviam a fala eram mais prejudicados[...]embora não estejamos generalizando, é triste observar que, mesmo hoje em dia, ainda haja certas atitudes preconceituosas por parte das pessoas e até mesmo dos familiares de surdos. No tempo em que vivemos, alguns chegam ao absurdo de achar que os surdos não são capazes de aprender ou que possuem problemas mentais. E por pura ignorância, muitos sempre chamam os surdos de mudos ou mudinhos [...]

Estas atitudes preconceituosas estão enraizadas desde os tempos mais remotos e se fazem presentes até os dias atuais, onde os desafios dos surdos continuam e a implementação de políticas públicas as quais garantam ao surdo o direito da acessibilidade e conseqüentemente a socialização e a inclusão do mesmo no âmbito social e educacional.

Todavia a história da educação dos surdos, nos leva a fazer uma breve reflexão, pois, a proposta curricular inclusiva, os quais ao analisarmos como o processo educacional para formação de professores, considerando que se trata do surdo na Educação Superior. E pode-se

afirmar que o surdo irá enfrentar sérios obstáculos em sua vida sócio-cultural e educacional desde sua inclusão até sua permanência, pois infelizmente ainda nos deparamos com proposta pedagógicas segregadoras, que se tornam problemas na interação e desenvolvimento cognitivo e da própria formação educacional e social do surdo, onde este muitas vezes são excluídos do convívio social mesmo dentro de instituições educacionais.

Na trajetória de vida dos surdos, enquanto grupo minoritário, a surdez não pode ser vista como um fenômeno dos tempos modernos, pois sempre existiu, mas passava despercebida aos olhos das pessoas ouvintes, onde os mesmos eram considerados um sério problema para a sociedade. De acordo com GODOI (2009), na Idade Média, as pessoas com certas dificuldades, ou seja, deficiência inclusive auditiva, eram considerados possuídos por algo estranho, pois faziam parte da classe excluída e afastados do convívio social.

Na contemporaneidade a temática inclusão vem sendo debatida por vários pesquisadores e as ações efetivas as políticas públicas elaboradas para incluir todos na sociedade, porém não chega a atingir seus verdadeiros objetivos. Temos como exemplo a inclusão dos alunos surdos nas escolas regulares. Mesmo havendo uma legislação específica para esse atendimento, o que se observa é a grande luta de pessoas com essa deficiência em busca de seus direitos estabelecidos pela lei.

O autor Carvalho (1997, p.13) aponta que “Pessoas nascem com deficiência em todas as culturas, etnias, níveis sócio econômicos e sociais”. Geralmente, em todos os tempos e épocas, sabe-se que pessoas nascem ou tornam-se deficientes como: cegos, surdos, com limitações intelectuais ou físicas.

É importante que os surdos, assim como quaisquer outros estudantes, em qualquer contexto, tenham oportunidades em sua vida escolar. Porém, para que a inclusão seja de fato concretizada para os estudantes com essa condição, é importante que haja não somente a presença de professores-intérpretes, mas também uma prática pedagógica com planejamento contextualizado, uma vez que, se não houver planejamento e diálogo entre os docentes, o aprendizado dos alunos será prejudicado. Por isso, o planejamento executado coletivamente torna-se necessário para que haja um bom resultado em qualquer contexto de sala de aula, lembrando que para os estudantes surdos temos que priorizar a comunicação da comunidade surda.

1.2. O Que diz a Legislação Sobre a Educação de Surdos

Conforme o que prediz a Constituição de 1988, em seu artigo 255, a Educação é direito de todos e dever do Estado e da família, com o apoio de toda a sociedade. No que compete à escola pública, em qualquer esfera, esta deve promover o ensino e a permanência de toda a população que dela necessite, sem distinção de qualquer espécie, promovendo o respeito à diversidade e as especificidades, dentre as quais podemos englobar o aluno surdo e a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras).

Quando nos atemos ao ensino-aprendizagem de alunos surdos dentro da perspectiva da escola pública, consideramos importante a presença e a participação de um profissional cujo trabalho tem como base a interação entre surdos e ouvintes em sala de aula: o professor de Libras. Para Miranda *et. al.* (2016), o trabalho do professor-intérprete (como é assim conhecido tal profissional) é imprescindível para que os alunos surdos possam não somente interagir, mas aprender a Língua Portuguesa na vertente escrita.

Afinal de contas, o que define se uma pessoa é surda ou ouvinte? O Decreto nº 5.626/2005 prediz que a pessoa surda é aquela que, por não possuir a capacidade de ouvir, compreende e interage com o mundo por meio da visão. O decreto estabelece, em seu artigo 1º, que a surdez é a “perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz” (BRASIL, 2005).

A Educação é um direito de todos, porém, tal direito foi alcançado a partir de muitas discussões que, por sua vez, geraram leis que endossam e defendem a inclusão de alunos surdos em sala de aulas regulares. A Lei 10.436/2005, também conhecida como a “Lei de Libras”, capítulo III, artigos 4º e 5º, outorga que a formação dos professores dessa área é diferenciada, dependendo do nível em que esteja atuando

No que se refere à presença da Libras na formação de professores, o artigo 3º do Decreto nº 5.626/2005 elucida que essa língua deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores em todas as licenciaturas e nos cursos de Fonoaudiologia, em todas as universidades, sejam públicas ou privadas.

Apesar de todo suporte legal em mão, espera-se que os professores tenham uma base de como saber lidar com o alunado surdo. Santos (2015), na contramão do que prediz a Lei de Libras, suscita que, caso haja a falta de um professor-intérprete em sala de aula, muitos docentes, senão a maioria, não saberão trabalhar dentro de um contexto flexível e que mantenha

a acessibilidade para os alunos surdos, já que não possuem formação/capacitação para atender a esse público.

No Amazonas os surdos como cidadãos de direitos garantidos constitucionalmente têm um ensino que é ofertado de três formas: nas escolas regulares, os mesmos tem o acompanhamento diário de tradutor/intérprete que fazem a mediação entre estudante surdo e ouvinte e vice versa, escolas regulares com recursos multifuncionais e escolas especificamente para surdos.

No entanto, as dificuldades são diversas na realidade de pessoas surdas, tendo em vista que na maioria dos casos, estes moram em outros municípios de longas distâncias, o que acaba dificultando a vida dos mesmos, considerando que os muitos municípios contam apenas com o transporte fluvial que demanda dias para chegar a Manaus.

De acordo com o Plano Estadual de Educação do Amazonas PEE/AM (2015) além de Manaus, os primeiros municípios a ofertar um ensino para surdos com presença de tradutores foram: Parintins, Manaqui e Tefé em nível fundamental e médio. As inclusões destas pessoas veem acontecendo de formar gradativa e significativa ao longo dos anos.

Em vista disso, é perceptível que além dos surdos serem inclusos no ensino regular, os mesmo estão sendo incluídos nos Institutos, Universidades, tanto públicas como privadas. Além disso, encontra-se surdos atuando como professores em universidades, em cursos de mestrado e doutorado. Ou seja, a luta para a inclusão da comunidade surda perdurou anos até que os mesmos pudessem ter o direito ao acesso à educação como qualquer outro cidadão.

1.3. História dos Surdos no Ensino Superior

[...] as novas gerações pertencentes às comunidades surdas não dizem mais “Eu surdo”-ser passivo-que não pensa nem escolhe. Sabem que é seu direito usar a Língua de Sinais e acreditam em suas possibilidades. É uma geração mais forte que sempre pressiona pelo intérprete, pela acessibilidade da Língua de Sinais. (STUMPF, 2008, p.16).

Ao longo dos anos os surdos, alcançaram seus direitos, por meio de muitas lutas, como o de estudar e se comunicar através da LIBRAS-Língua Brasileira de Sinais que desde 24 de abril de 2002 favorece à comunidade surda.

Contudo, a instituição que forma pessoas capazes de serem críticas diante de diversos problemas, deve estar atenta a situações de exclusão ou qualquer outra forma de preconceito dentro e fora da sala de aula, independentemente de suas especificidades, haja vista que a educação é um direito de todos e deve ser oferecida de forma gratuita, igualitária e de qualidade.

Daí a importância primordial de formar cidadãos capazes de transformar seu modo de vida e sua realidade. De acordo a Lei nº 9394/96 Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pautada na Declaração Universal dos Direitos Humanos, enfatiza que:

Título II- Dos princípios e Fins da Educação Nacional. Art. 2º A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III- Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV- respeito à liberdade e apreço à tolerância; X- valorização da experiência extraescolar. (BRASIL, 1996).

De acordo com os direitos constituídos e garantidos em lei, toda pessoa deve usufruir deste para a sua formação e cidadania, considerando toda e qualquer diferença, visto que os princípios educativos prezam por uma educação igualitária com diversas possibilidades de aprendizagem, com intuito de que o conhecimento chegue a todos.

A ideia de educação que promove inclusão de todos os cidadãos não acontece de maneira eficaz na prática, especificamente um dos públicos afetados são os surdos, por muitas vezes serem excluídos no ambiente educativo.

Para Candau (2011, p. 717), “A impunidade, as múltiplas formas de violência, a desigualdade social, a corrupção, as discriminações e a fragilidade da efetivação dos direitos juridicamente afirmados constituem uma realidade cotidiana”. Ou seja, de certa forma a lei existe para que seja cumprida, mas há uma controvérsia quando o assunto é inclusão de pessoas surdas, pois na atualidade moderna as diferenças ainda permeiam e prevalecem nos quatro cantos de muitas instituições de ensino e também nas instituições de Ensino Superior.

O professor como construtor e mediador do conhecimento tem grande importância para a formação no processo de ensino aprendizagem de pessoas surdas e ouvintes. De acordo com Moraes e Cavalcante (2009, p.33) “A formação docente sob a ótica da diversidade e da inclusão é, pois, derrubar crenças, conceitos, pré-conceitos, que embora já questionados por nós continuem a se manifestar sem que, muitas vezes, sequer nos demos conta”.

Sobre as dificuldades são encontradas tanto por parte do estudante surdo em aprender e sistematizar o que aprendeu, tanto do professor e colegas de turma ao comunicar-se entre si e trocar experiências. Embora o estudante conte com a ajuda do intérprete que faz a mediação entre professor ouvinte e estudante surdo, ainda assim o processo é gradativo e longo, requer empenho do estudante surdo e do professor ao colaborar para esse processo formativo. Segundo Rodrigues e Ramos (2012, p.47)

A profissionalização docente é uma busca difícil, complexa, mas possível se perseguida através de atitudes de valorização da pesquisa no processo formativo, da socialização de resultados e de estudos pedagógicos que consolidam um modelo, um caminho de profissionalização que se espera obter, uma profissionalização capaz de preparar o professor, para conviver e trabalhar com a diversidade na sala de aula

O profissional docente do Ensino Superior desempenha um trabalho de grande importância, pois este com todo seu conhecimento teórico e prático busca contribuir para a formação dos estudantes, tendo de lidar com complexibilidades próprias do processo de Ensino Aprendizagem. Assim, o professor busca levar um conhecimento sistematizado para todos, considerando a diversidade dentro de sala de aula.

Nesta perspectiva, Tardif e Lessard (2007, p. 38) afirmam que “os professores são também atores que investem em seu local de trabalho, que pensam, dão sentido e significado aos seus atos, e vivenciam sua função como uma experiência pessoal, construindo conhecimentos e uma cultura própria da profissão”.

A inclusão dos estudantes surdos passa pela necessidade dos professores colaborarem neste processo, assumindo o compromisso de promover uma educação igualitária em sala de aula. Assim sendo, as práticas pedagógicas precisam ser constantemente experimentadas com intuito de compreender que o caminho para a inclusão depende de diversos fatores e um deles é um empenho de todos.

1.4. O Ensino Superior no Amazonas com a inclusão de surdos

No Amazonas nota-se avanços significativos que contribuem com a inclusão e visibilidade destes, principalmente no que tange a garantia dos seus direitos educacionais.



Figura 1: Imagem de Manaus

Fonte: Jornal a crítica 2020

De acordo com o site Metropolitano Manaus (2020), no dia 1º de setembro de 2020 a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) cria Comissão de Políticas Para pessoas Surdas (COPPS) com intuito de debater as políticas na Instituição para que de fato assegurem o acesso,

permanência e linguística tanto para alunos, professores como a comunidade surda em geral. Esta que teve como objetivo discutir todas políticas desta comunidade, iniciando desde o ingresso no ensino superior até a permanência, que lhe garante direito a intérpretes, tradutores, materiais didáticos que os ajude nesse processo, bem como apoio aos professores e licenciandos.

Como enfatiza Marcos Roberto dos Santos, presidente da Comissão e Professor da UEA:

A comissão tem muitos objetivos a atender, e a proposta é de organizar essas políticas linguísticas e alinhar o trabalho como o que já é desempenhado na universidade, como oferecer acessibilidade não somente dentro da sala de aula, mas em transmissões ao vivo, reuniões administrativas, notícias institucionais, além de discutir diferenciadas de avaliação para surdos, sobre o papel da Libras dentro da universidade, formação de professores, interpretes, a locomoção destes em centros e escolas da UEA (SANTOS, 2020).

Acessibilidade está muito além do que a inclusão dos surdos na universidade com tradutores que façam a mediação. É necessário que os mesmos se sintam pertencentes e valorizados, principalmente sua cultura e linguística.

Santos (2020), destaca que UEA poderá ser referência para outras instituições e universidades, visando a acessibilidade que tanto os surdos almejam, que é a linguística com políticas que valorizem a diversidade e a garantia de igualdade.

Para isso, é necessário pensar em todo o processo formativo do estudante surdo, desde seu ingresso, permanência e colação de grau. Considerando que este enfrenta muitas dificuldades, principalmente na comunicação com a com a comunidade acadêmica.

A Pró-reitora de Ensino de Graduação, Kelly Christiane Silva afirma que “a partir do momento em que a comissão começa a funcionar, nós vamos pensar em novos formatos e melhores ações, desde o ingresso do aluno até a colação de grau, garantindo, acima de tudo, o aprendizado e a excelência dentro da Universidade” (SILVA, 2020).

Ao longo dos anos, estudos acerca da comunidade surda avolumam e melhoram a visibilidade, principalmente dentro das universidades. Essas melhorias que tem ganhado força através de muitas lutas que aconteceram em prol da comunidade surda, como é apontado no site UFRA, o II seminário ao dia do surdo realizado no ano de 2017, na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), especificamente no Anfiteatro do Instituto Ciberespacial (ICIBE), em Belém.

O seminário reuniu autoridades, pesquisadores e membros representantes da comunidade surda para discutir, refletir e celebrar as trocas de saberes promovidas pelos professores do curso de Letras/Libras e o Núcleo Amazônico de Acessibilidade, Inclusão e Tecnologia (site ACESSAR/Ufra). Este seminário foi transmitido em telão, para que todos os intérpretes tivessem acesso e fizessem a tradução para todos os surdos que ali estavam.

Esse movimento deu mais visibilidade a pessoa surda e mostrou ao público o quão importante é celebrar a diversidade, principalmente quando se trata de uma cultura, a qual tem muito a contribuir com saberes plurais e diversificados.

“Precisamos construir uma universidade igualitária onde o aluno com deficiência possua os mesmos acessos do aluno sem deficiência. Quando vivermos em uma sociedade onde é deixado de fora, tornaremos a convivência adaptável” (MARTINS, 2017). Ou seja, é precisar repensar a prática inclusiva dentro da universidade de modo a buscar soluções que permitam acessibilidade aos licenciandos e que assegurem seu direito a uma educação de qualidade.

Os desafios frente ao processo formativo nas universidades são inúmeros, e isso se dá pela grande fragilidade durante a educação básica, onde muitos não tinham intérpretes em sala, a família não tinha acesso a libras e o preconceito por parte de colegas de turma e professores permeavam durante os anos escolares. E o reflexo dessa educação é a grande dificuldade na escrita e compreensão de um deles, além disso muitos licenciandos surdos enfrentam a grande dificuldade de se sentir incluso, aceito em seu processo formativo, uma vez que ainda sofrem com conceitos estereotipados dentro da universidade.

Corroborando com esse pensamento Miranda (2017) acentua:

Para conseguir assimilar as novas informações e os novos conhecimentos, os jovens de uma maneira geral, e especialmente os surdos, precisam contornar as falhas na trajetória escolar referentes aos ensinamentos fundamental e médio, tais como problemas de compreensão e leitura e dificuldade de produzir textos. Além disso, as relações com os colegas, professores e todo o ambiente acadêmico são fundamentais para inclusão do surdo no ensino superior.

Desse modo, a universidade em sua totalidade deve promover mais inclusão, acessibilidade e formas de conscientização e sensibilização com a comunidade surda, com o objetivo de potencializar o conhecimento e respeito de toda e qualquer tipo de diversidade, afim de gerar uma educação igualitária e de qualidade, desde seu ingresso. Acentua Miranda (2017):

Vencida a barreira do ingresso, o próximo desafio é a permanência no curso, que depende muito da mediação do intérprete. O intérprete é fundamental nesse processo, pois é o mediador entre surdo, o professor e o conhecimento. A atuação do intérprete requer aprofundamento teórico nas diferentes áreas de

estudo, familiaridade com a linguagem utilizada em cada situação e experiência educacional.

Para Miranda (2017), medidas precisam ser adotadas para incluir os surdos, como flexibilização do currículo, acessibilidade de conteúdo, oficinas de Libras para o público acadêmico e capacitações que contribuam para a atuação docente. Visto que através de debates, conferências e seminários ampliam o olhar para o âmbito inclusivo. Assim, estudos, pesquisas e eventos surgem na perspectiva de contribuir com o processo formativo do surdo.

Sobre ótica de conquistas para a comunidade surda no Amazonas, trazemos outro ganho representativo que foi a formação do primeiro mestre surdo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Trata-se de Hamilton Pereira, 42 anos de idade, sinônimo de perseverança e representatividade para os licenciandos surdos de todos os cursos de graduação. Além de mérito de mestre o mesmo coordena o curso de Letras/Libras na UFAM.



Figura 2: Defesa do Mestrado Profº Hamilton

Fonte: <https://catracalivre.com.br/quem-inova/primeiro-mestre-surdo-ufam/2018>

Em relação a sua vida acadêmica. Pereira (2018), comenta “[...]encontrei muitas barreiras. Não havia intérpretes, nada era acessível e eu sequer sabia escrever. Me sentia muito sozinho. Só quando ingressei no supletivo, em 1996, que eu consegui progredir, já pensando no Ensino Superior”.

A história deste professor é vista como motivação a muitos estudantes, especialmente aos surdos que vivenciam essa experiência na universidade e, como ele, enfrentam muitas barreiras como o preconceito, a pouca acessibilidade e a inclusão.

Segundo Pereira (2018) apesar de avanços no conhecimento, a sociedade ainda acha que o surdo é um coitado. Mas com sua formação de mestre, a satisfação é inexplicável. Diante disso, percebemos que a trajetória do professor Hamilton Pereira é uma das que inspira muitas pessoas que enfrentam desafios e dificuldades durante a vida acadêmica. No entanto, continuam persistindo em seus sonhos, como os licenciandos dos cursos de licenciatura que almejam ser professores.

Outro ganho importante para a comunidade surda universitária foi no ano de 2021, com a abertura de duas vagas para técnicos especializados em linguagem de sinais para Parintins-AM e Coari-AM, com intuito de garantir aos alunos surdos da UFAM, que utilizam da comunicação oral para ter acesso ao currículo através do intermédio entre tradução/interpretação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Na Universidade do Estado do Amazonas-UEA, o professor surdo e mestre Marlon Jorge Silva tem realizado este trabalho com os surdos e no momento atual, produz vídeo em Libras sobre a pandemia da COVID-19, com o objetivo de levar informação e conscientizar dos devidos sintomas e cuidados que a comunidade surda deve adotar no período de pandemia. Esta ação teve muitas visualizações e foi de primordial relevância para os estudantes surdos e todos os surdos que tiveram acesso a esta informação.



Figura 3: Defesa do Mestrado Prof Marlon Jorge

Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/4182011/marlon-jorge-silva-de-azevedo>

O professor Marlon Jorge é presidente da associação de Surdos em Parintins, e um grande incentivador dos surdos dentro e fora da universidade. Enquanto professor concursado, o mesmo atende a formação do professor de Libras que deve ser ministrada por alguém (surdo ou ouvinte) fluente na Libras. E, quando falamos em fluência, não há como ser fluente sem conhecer a cultura que envolve essa língua.

É pertinente ressaltar que não é somente de fluência e epistemologia que se faz a prática docente, pois, de acordo com Freire (1987), a habilidade para atuar como um educador, ou seja, saber ensinar, é necessária.

O professor de Libras, nesse contexto, deve fazer uso da melhor maneira que envolva o alunado surdo, além de possuir o diálogo direto com os professores titulares, pois, para que a aprendizagem possa ser significativa, todos os atores do ambiente escolar necessitam sentir-se envolvidos, participar das atividades propostas e ser capaz de decidir responsabilidades para o futuro, segundo Possenti (1996, p. 21), “a única opção de uma escola comprometida com a

qualidade de ensino está entre ensinar e deixar aprender[...] Qualquer outra implica em conformar-se com o fracasso, ou, pior, em atribuí-lo exclusivamente aos alunos”.

Preocupado com a formação acadêmica dos surdos, o professor Marlom é autor de vários projetos no âmbito da universidade que envolve monitoria, projeto de extensão, Projetos de formação de professores e comunidade, dentre outros.

Em tempos de pandemia produziu vídeo em libras sobre a pandemia da COVID-19, com objetivo de levar informação e conscientizar dos devidos sintomas e cuidados que a comunidade surda deve adotar no período de pandemia. Esta ação que teve muitas visualizações e foi de primordial relevância para os estudantes surdos e todos os surdos que tiveram acesso a esta informação.



Figura 4: Vídeo sobre a Pandemia da Covid-19

*Fonte: <https://professor-da-uea-produz-video-para-informar-surdos-sobre-pandemia>
Fonte: amazonasatual.com.br/2020*

Com intuito de fazer com que a comunidade surda ficasse informada sobre o novo corona vírus Marlon Jorge Silva, professor do Centro de Estudos Superiores de Parintins da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), produziu um vídeo usando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) para informar sobre os cuidados e as recomendações no período de pandemia.

Segundo o professor, a ideia surgiu das observações do professor sobre a falta de material e conteúdo característicos para os surdos. Reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no Brasil em 2002, a Libras ainda sofre de uma comunicação inclusiva e efetiva no país. Partindo dessa necessidade foi publicado um vídeo com o tema ‘Assintomáticos – Corona vírus’ em Libras, em que alerta para os principais sintomas e fala sobre as pessoas assintomáticas, as formas de contaminação e a prevenção com o uso de máscaras e álcool em gel.

Ainda na Universidade do Estado do Amazonas graduou-se em pedagogia a professora Cátia Maria Pontes, esta adentrou o Ensino Superior pelo Programa de Formação de professores (Parfor) no ano de (2010 -2015), especialista em Libras com docência e mestranda em Educação

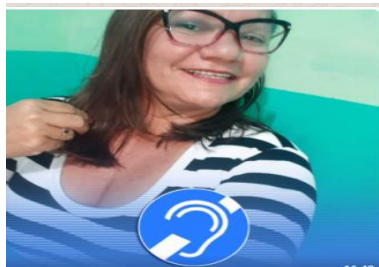


Figura 5: Professora-SEMED/Parintins
Fonte: amazonasatual.com.br/2020

Trabalha como professora de uma escola que é referência na educação de surdos em Parintins, a Escola de Áudio Comunicação Pe, Paulo Mana, é concursada do município de Parintins, participa do projeto na escola denominada o “Geração Libras Infantil” o qual tem como objetivo de ensinar libras para crianças de 6 a 10 anos.

Curso	Entrada no CESP	Periorizado	Desperiorizado	Pagando disciplina
Química	2018	6º Período	X	1 disciplinas
Química	2019	4º período		
Química	2019	4º período		2 disciplinas
Química	2019	4º período		
Historia	2018	6º Período		
Historia	2018	6º Período		
Historia	2020	2º período		
Historia	2020	2º período	X	
Pedagogia	2020	2º Período		
Pedagogia	2019	4º período.		
Letras	2021	1º período.	X	2 disciplinas
Letras	2021	2º Período	X	
Matemática	2019	3º Período		
Matemática	2017	8º período.	X	3 disciplinas
Matemática	2018	6º período.	X	5 disciplinas
Geografia	2019	4º período.	X	
Geografia	2019	4º período.	X	
Geografia	2019	4º período.	X	
Geografia	2017	4º período.	X	
Física	2019	4º período.	X	

Tabela 1: Presença de surdos em cursos de graduação do CESP/UEA no ano de 2021.

Fonte: Amoedo, 2021

Este tem acompanhamento de tradutor/interpretes e recebem atendimento no Núcleo de Acessibilidade, que fornece recursos para o processo de ensino aprendizagem.

Curso	Nº de surdos matriculados
ADMINISTRAÇÃO	1

Tabela 2: Presença de surdos em cursos de graduação do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia-ICSEZ no ano de 2021.

O processo atual que permite a inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior ocorre enquanto realidade atual, é importante destacar que a inclusão acontece no momento em que todos firmam compromisso assegurado dentro do processo educacional, o que traz a luz a própria formação universitária dos professores nos cursos de licenciatura referindo-se a prática pedagógica.

O conhecimento sobre a surdez e o sujeito surdo é fundamental para que as atividades tenham resultados positivos, suscitando uma sintonia no fazer pedagógico. Oliveira (2009, p. 45) também apresenta que “o compartilhar da ação pedagógica entre professores e demais educadores no ambiente escolar proporciona ao desenvolvimento profissional de ambos, pois neste processo estão presentes o conhecer e o agir”. Carvalho (2010, p.72) “reforça que “Qualquer proposta de prática pedagógica em sala de aula aprendendo na diversidade implica profundas mudanças no trabalho em equipe, fazendo com que os educadores se apoiem mutuamente, sem que ninguém se sinta como o melhor ou o sabe tudo”.

1.5. O Curso de Licenciatura em Geografia no CESP/UEA

Sobre os aspectos legais, temos o Ministério da Educação que em maio de 2000, remeteu ao Conselho Nacional de Educação, para apreciação, Proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica, em cursos de nível superior. O Parecer Nº 009/2001, de 08 de maio de 2001, propôs um Projeto de Resolução para Instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, que foi aprovada como Resolução CNE/CP1 em 18 de fevereiro de 2002.

Em relação ao parecer CNE/CP 28/2001, de 02.10.2001, deu nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabeleceu a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, culminando com a Resolução CNE/CP2, de 19.02.2002.

As diretrizes nacionais para a formação de professores para a educação básica brasileira procuraram construir uma sintonia entre o desafio da formação de professores, os princípios prescritos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, e suas modalidades, elaboradas pelo Ministério da Educação.

O Art. 62 a LDBEN define que:

A formação dos docentes para atuarem na educação básica seja feita em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação. O Art. 63 atribui aos Institutos Superiores de Educação a função de manter: cursos formadores de profissionais para a educação básica; programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica; programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis. (Brasil 1999)

Os artigos 62 e 63 reforçam a criação dos Institutos Superiores de Educação. Coerente com a flexibilidade da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a Resolução CNE 01/99, os posiciona como instituições articuladoras, deixando em aberto a sua localização. Determina também a existência de uma direção ou coordenação responsável por articular a elaboração, execução e avaliação do projeto institucional, promovendo assim condições formais de aproximação entre as diferentes licenciaturas e conseqüentemente o desenvolvimento da pesquisa sobre os objetos de ensino.

Em comum aos demais cursos de graduação, o curso de Geografia deve viabilizar a formação de cidadãos conscientes de suas responsabilidades e deveres sociais, cujo perfil compreenda atuação ética, crítica, autônoma e criativa; autonomia intelectual; respeito à pluralidade inerente aos ambientes profissionais; atuação propositiva na busca de soluções de questões colocadas pela sociedade.

Conceber, organizar e manter um curso de formação de professores implica, a princípio, definir um conjunto de competências e disciplinas necessárias à formação e atuação profissional, torná-las como norteadoras tanto da proposta pedagógica, em especial do currículo e da avaliação. Projeto Pedagógico do Curso de Geografia Licenciatura (2017)

Dentro do processo de formação de professores entendemos a necessidade de estar preparados para enfrentar os desafios tanto os do presente com os que surgirão, o que ocasiona a construção de metas constante a de se fazer da formação de professores uma formação profissional de alto nível.

Ao falarmos de formação profissional de alto nível, entendemos as necessidades de uma construção não só voltada para o atendimento das demandas, mas aquela que esteja baseada na formação de um profissional, neste caso o professor, que seja capaz de perceber e interceder na realidade de vida dos seus alunos e da comunidade onde esteja trabalhando ou vivendo, e a partir dessa visão estabelecer metas de trabalho, este profissional surdo ou ouvinte deverá estar em constante processo de atualização e qualificação e transferindo para sua prática os novos conhecimentos adquiridos, além disso, deve ser um profissional criativo, participativo e, sobretudo comprometido com sua atividade.

Assim o profissional de Geografia deve ter um perfil que o capacite a compreender os elementos e processos concernentes ao espaço natural e ao espaço construído, tendo por base os fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos da Geografia, de forma a aplicar esse conhecimento na busca do desenvolvimento social e econômico sustentável. Deve ser capaz de transitar nas diferentes fronteiras do conhecimento geográfico, sendo capaz de qualificar o que é específico desse tipo de conhecimento. Deve assumir a preocupação ambiental como princípio ético de conhecimento e de ação profissional.

Ressaltamos que a Licenciatura em Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, desde sua implantação, vem contribuindo na formação de Professores tanto do Município de Parintins quanto das cidades circunvizinhas: Barreirinha, Nhamundá, Maués, Boa Vista do Ramos, Urucará, São Sebastião do Uatumã, Itapiranga; atende também alunos de Terra Santa, Juruti e Faro, no Pará. Esta formação de novos profissionais licenciados em Geografia deu um impulso ao ensino por adotarem, além dos conteúdos pontuais de Geografia, as novas concepções de ensino, como: cartografia escolar, cartografia tátil, cartografia aplicada ao ensino de Geografia, atendendo o que preconiza a legislação no que diz respeito a inclusão dos deficientes, até porque há alunos com deficiência visual e cego, como também surdo e com deficiência auditiva.

Os temas a serem abordados na formação do licenciado em Geografia, indicados nos Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura (2010) estão indicados no quadro abaixo, bem como os componentes curriculares onde tais temas devem ser abordados:

Temas a serem abordados	Componente curricular
Climatologia	Climatologia
Geografia da População	Geografia da População
Geologia	Geologia Geral
Teoria e Metodologia da Geografia	Teorias e Método da Geografia
Cartografia	Cartografia Básica; Cartografia Temática
Geomorfologia	Geomorfologia; Hidrografia e Geomorfologia Fluvial
Geografia Agrária e Urbana	Geografia Agrária; Geografia Urbana
Biogeografia	Biogeografia
Geografia Política	Geografia Política
Geografia Regional	Geografia Regional
Probabilidade e Estatística	Estatística Aplicada a Geografia
História, Filosofia e Sociologia	Filosofia na Educação; Sociologia na Educação.
Brasil e Mundo	Geografia Política; Geografia Urbana; Geografia Econômica; Geografia Agrária e Geografia Regional; Seminário de Geografia I e II.
Geografia Econômica	Geografia Econômica
Pedologia	Pedologia Geral e Solos da Amazônia
História do Pensamento Geográfico	Evolução do Pensamento Geográfico
Metodologia e Prática de ensino de Geografia	Metodologia e Prática de Ensino de Geografia I e Metodologia Prática de ensino de Geografia II
Psicologia da Educação	Psicologia da Educação
Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)
Ética e Meio Ambiente	Educação Ambiental Gestão Ambiental e Recursos Naturais
Legislação Educacional	Legislação Educacional
Pluralidade Cultural e Orientação Sexual	Educação Ambiental, Geografia Cultural e Geografia da População
Tecnologias da informação e comunicação aplicadas ao ensino de Geografia	Cartografia Aplicada ao Ensino; Introdução às Geotecnologias; Geotecnologias Aplicadas ao Ensino de Geografia

Tabela 3: matriz curricular do curso de geografia do CESP/UEA

Nome	Titulação	Experiência Docente no Ensino Superior (anos)	Experiência Docente na Educação Básica (anos)	Experiência Docente com necessidades educacionais especiais	Tempo de Exercício no Curso de Geografia (anos)
Alem Silvia Marinho dos Santos	Doutora	13	5	2	13
Carmen Lourdes Freitas dos Santos Jacaúna	Doutora	8	25	5	8

Charlene Maria Muniz da Silva	Doutora	8	0	2	8
Estevan Bartoli	Doutor	8	8	2	8
João Bosco dos Santos Brasil	Doutor	13	15	2	13
João D’Anuzio Menezes de Azevedo Filho	Doutor	14	8	2	13
José Camilo Ramos de Souza	Doutor	14	15	8	9
Reginaldo Luiz Fernandes de Souza	Doutor	14	5	2	8
Tatiana da Rocha Barbosa	Doutora	8	4	2	8

Tabela 4: Professores de geografia do CESP/UEA

Considerando os temas apresentados destacamos Psicologia da Educação, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Legislação Educacional, Metodologia e Prática de Ensino de Geografia I e Metodologia Prática de ensino de Geografia II, as quais destacamos por apresentarem uma metodologia flexível que atende a diversidade educacional dentro da universidade por meio de práticas inclusivas, segundo dados descritos pelos acadêmicos surdos.

1.6. A Formação do Acadêmico Surdo no Curso de Geografia no CESP/UEA

Considerado um desafio no âmbito universitário para todos e para os surdos um desafio maior, pois os problemas de adaptação à vida acadêmica e as obrigações necessárias acarretam muitas vezes ao fracasso e ao abandono. São inúmeras as problemáticas que perpassam esses acadêmicos no ensino superior.

O qual inicia no processo de integração e requer tanto do conhecimento prévio acerca das ciências estudadas enquanto conhecimento da ciência do próprio curso de formação fazem com que o desempenho das atividades acadêmicas e o envolvimento com os colegas, professores e o ambiente que correspondem as instituições de ensino superior precisem estar em sintonia pois “ambas são fundamentais nos primeiros anos na academia , fazendo assim com que possam melhorar as chances de êxito dentro do processo de inclusão” (Diniz, Almeida, 2005; Ferreira, Almeida, Soares, 2001).

Dessa forma que a aprendizagem ocorre de forma diferente para esses sujeitos, necessitando de recursos específicos que atendam as suas necessidades. A inclusão do acadêmico surdos no Ensino Superior, especificamente no curso de Geografia do CESP/UEA, tem como conjetura, onde o arcabouço teórico e a informação transmitida por um professor ouvinte para acadêmicos ouvintes possam não ser apropriadas para o conhecimento e os estilos de aprendizagem dos estudantes surdos, porém, os acadêmicos surdos formam um grupo mais heterogêneo que o dos ouvintes, a maioria dos surdos cresceu em ambientes limitados

linguisticamente; a dificuldade na competências linguísticas necessárias para fazer uso efetivo da interpretação ou dos livros didáticos, e possivelmente muitos ingressaram no ensino superior menos preparados que seus colegas ouvintes.

Essa concepção passa pelas pesquisas realizadas por Perlin e Miranda (2011), as quais trazem a pedagogia surda que assumi o posicionamento sobre essa educação com pessoas surdas. As autoras são consideradas como intelectuais surdas, pois sempre estão envolvidas com as lutas da comunidade surda tomando posição dos demais defensores da escola de surdos, as mesmas não acreditam que as classes regulares são ideais para os estudantes surdos, considerando que a maioria, não possuem a língua de sinais e nem a língua Portuguesa.

Ainda em seus comentários Perlin e Miranda (2011) descrevem que o desafio enfrentado acontece, pois, a maioria dos surdos faz parte de uma família formada por pais ouvintes, o que faz com que cheguem às escolas sem uma língua específica. Por essa razão, defendem a escola específica para surdos na formação inicial, visto que esse é o lugar adequado para a construção de identidades surdas.

Sobre a questão da formação específica para o professor surdo, como se pode perceber, é ainda muito recente, mas trouxe importante contribuição para o atendimento das necessidades educacionais dos alunos surdos em todo o território nacional. Para Reis (2007, p. 88) “é esse profissional que revela sua cultura, sua língua de sinais, sua identidade e sua alteridade a partir da qual foi construído seu jeito de ser.

Miorando (2006) corrobora e alerta para o fato de que os professores surdos fazem parte de uma categoria jovem, que ainda está se constituindo. Gesser (2012, p. 83) ressalta que: a “língua de sinais é a bandeira política, tomada sempre como tema e objeto de luta em quaisquer reivindicações pela comunidade surda”.

A autora ainda afirma que esses professores não têm dúvidas da legitimidade e do valor dessa língua, corroborando com o pensamento de Quadros (2005) quando destaca a necessidade de se formar professores surdos para garantir o acesso e a permanência de surdos na educação:

Com base nisso, a questão da língua passa a ser também um instrumento de poder nas relações com as crianças e alunos surdos. Sendo a língua de sinais brasileira a língua de instrução, os professores surdos (e/ou instrutores surdos) são os que mais dominam a esta. Quando são professores, são os mais indicados para garantirem o processo de aquisição da língua. Mesmo havendo professores ouvintes altamente qualificados e sinalizantes da língua de sinais, eles passam a ter um status diferenciado diante dos professores surdos. (QUADROS, 2005, p. 5)

A formação e constituição docente desses profissionais têm ocorrido a partir desses cursos e hoje já existem muitos professores surdos com qualificação adequada atuando em diversas instituições, embora ainda muito longe do ideal. Isto porque mais do que um professor que utilize a Libras como fonte de comunicação, é preciso que o ensino de surdos contemple os desdobramentos metodológicos e ideológicos inerentes à surdez, valorizando a condição sociolinguística dessa comunidade minoritária (ALBRES; NEVES, 2014).

CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), localizada na Estrada Odovaldo Novo, nº 979, Bairro Djard Vieira, no Município de Parintins - AM. O CESP oferece 08 cursos de graduação, nas áreas de humanas e exatas. E atende os públicos mais diversificados de pessoas com necessidades especiais como pessoas de baixa visão, cegos, surdos, autista, deficientes físicos dentre outros. Embora este local seja rico em realidades e pluralidades vivaz, enfatizamos as experiências e vivências de duas estudantes surdas do Curso de Geografia, com o objetivo de analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de geografia no Centro de Ensino Superior de Parintins.

Assim, esta pesquisa é de natureza qualitativa, que de acordo com Denzin e Lincoln (2005, p. 3) “[...] é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível”. Diante disso, a mesma possibilita que o pesquisador entenda e interprete seu ambiente e sujeitos investigados, detalhando os comportamentos e características situacionais no decorrer da pesquisa.

O método de abordagem utilizado foi o fenomenológico, o qual segundo Fazenda (2001), é um método que permite a compreensão e descrição da realidade assim como os sujeitos envolvidos na pesquisa, pois, através desse método é possível alcançar uma compreensão da realidade através da interpretação do pesquisador, podendo surgir outras interpretações com bases no estudo do fenômeno pesquisado. Assim, por meio deste método foi possível adentrar a realidade dos sujeitos pesquisados, com o objetivo de interpretar e compreender a problemática em sua totalidade.

Para melhor compreensão do percurso investigativo, foi utilizada a Pesquisa narrativa, que conforme Benjamin (1986) traz forte significado pessoal e articula presente, passado e

futuro, instigadas pela memorização, trazendo não ‘uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrando por quem a viveu.

A técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista semiestruturada, pois segundo Trivinos (1987) “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVINOS, 1987, p. 152). Esta técnica foi fundamental para coletar os dados, a partir das experiências das licenciadas surdas, professores intérpretes do Curso de Licenciatura em Geografia. Apesar de serem 04 licenciandos surdos de geografia, apenas 02 se disponibilizaram em participar do trabalho.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram 02 licenciadas surdas, 03 professoras e 02 intérpretes do Curso de Licenciatura em Geografia. Estes que receberam nomes fictícios, as licenciadas surdas foram identificadas como “Maria Flor” e “Margarida”, os professores foram denominados como “Ana”; “Lucas” e “Mateus” e as intérpretes como “Begônia” e “Margarida”.

A entrevista realizada com as duas surdas ocorreu de forma presencial sobre todos os cuidados de distanciamento, uso de máscara e higienização devido a pandemia da Covid-19. Nesta entrevista uma intérprete fez a mediação e interpretação entre as entrevistadas e a pesquisadora.

As entrevistas realizadas com professores e intérpretes se deu por meio da plataforma Whatsapp, pois foi a forma disponibilizada pelos mesmos.

De posse de todos os dados da pesquisa, procedeu-se à análise e discussão dos resultados, considerando o referencial teórico adotado, e os dados coletados.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Resultados e Discussão

Este capítulo traz as discussões acerca da temática investigada, divididas em cinco categorias: A educação inclusiva no Centro de Estudos Superiores de Parintins; Antes da pandemia: oficina em Libras; Desafios e experiências licenciandos surdos do curso de Geografia; Relatos dos professores sobre a experiência em sala de aula com surdos e; Relatos dos intérpretes acerca da experiência com surdos no curso de Licenciatura em Geografia

A primeira ressalta o processo de inclusão no CESP. A segunda etapa traz experiências da oficina “aprendendo Libras”, aplicada no decorrer de uma pesquisa de extensão pela pesquisadora antes da pandemia. A terceira consiste em trazer as vivências e experiências das licenciandas surdas do curso de Geografia. A quarta enfatiza os relatos dos professores sobre a experiência em sala de aula com surdos, bem como seus desafios durante a prática docente. E a quinta etapa traz relatos dos intérpretes acerca da experiência com surdos no curso de licenciatura em geografia.

3.2. O Centro de Estudos Superiores de Parintins e os Caminhos de Inclusão

Aprovado por meio do decreto nº 21.963 e instituído no ano de 2001, o Centro de Estudos Superiores de Parintins, encontra-se localizado no Bairro Djard Vieira, mas especificamente na Estrada Odovaldo Novo, nº 979, no Município de Parintins.



Figura 6: Entrada do Centro de Estudos Superiores de Parintins

Fonte: Acervo do CESP/UEA

Atualmente conta com 08 cursos de graduação licenciaturas, nas áreas de humanas e exatas, e um curso de Engenharia. O CESP/UEA recebe o público mais diversos de pessoas

ouvintes, surdas, deficientes físicas, cegas, de baixa visão, autistas, dentre outros. Embora toda essa diversidade produza grande riqueza de diferenças e conhecimento, esta pesquisa enfatiza o público surdo presentes nas graduações que o CESP oferece, configurando parte da grande demanda nas salas de aulas do CESP.

O CESP atende 20 acadêmicos surdos nos cursos de licenciatura, entre humanas e exatas. Nesta perspectiva, a pesquisa foi direcionada a duas licenciandas surdas do Curso de Geografia em colaboração dos docentes e intérpretes que vivenciam essa experiência da diversidade linguística em sala de aula.

No decorrer deste trabalho foram enfatizadas experiências de relatos das duas licenciandas surdas do Curso de Geografia, três professores e dois intérpretes. Estas visões, sob diferentes ângulos nos ajudou a verificar como ocorre as experiências dos licenciandos surdos através do Curso de Geografia, afim de compreender esse processo de inclusão no Ensino Superior.

Em um primeiro momento é explorada a fala das licenciandas surdas, os quais foram identificadas como Maria Flor e Margarida. Em seguida as visões de três dos professores que serão identificados como Ana, Lucas e Mateus. Após isso, são enfatizadas a falas de duas interpretes identificadas como Begônia e Azaléia que estão em meio ao processo formativo de licenciandos surdos do Curso de Geografia.

A formação em nível superior agrega não somente pessoas surdas, mas de outros tipos necessidades educacionais especiais. Este fato é comprovado diariamente, no encontro com eles nos diferentes ambientes da universidade. Mas em relação aos acadêmicos surdos, estes estão ganhando cada vez mais seus espaços dentro das universidades. Assim, o direito ao acesso à educação superior constitui uma conquista relevante para a história de lutas desta comunidade e um futuro melhor de inclusão.

Durante o processo de formação é vital todo conhecimento adquirido através da colaboração e mediação do professor em sala de aula. No entanto, quando falamos de acadêmico surdo, muitas dificuldades aparecem no decorrer do dia a dia dos professores, pois muitos se deparam pela primeira vez com essa experiência que requer atenção e cuidados ainda maiores para que o conhecimento chegue a todos.

O professor depende exclusivamente de um intérprete que o ajude na mediação das duas Línguas, pois o professor encontra dificuldades em utilizar a linguagem oralizada e a não oralizada ao mesmo tempo. Considerando que muitos dos professores ainda estão tendo acesso pela primeira vez com a LIBRAS-Língua Brasileira de Sinais, fortemente, utilizada pela

comunidade surda e por pessoas ouvintes que também fazem uso para a comunicação com pessoas surdas.

Os professores salientam suas dificuldades em sala de aula, pois têm que adequar metodologia que atenda às necessidades não somente do acadêmico ouvinte, como também do acadêmico surdo. E isso requer muito cuidado, como por exemplo, no exercício diário com acadêmicos surdos é necessário que se trabalhe o campo visual do mesmo. Logo, os slides devem ser pensados para que estes consigam acompanhar e entender o que está sendo estudado.

Os filmes educativos, por exemplo, o professor procura os que possuem legenda para que os acadêmicos surdos também acompanhem o enredo, pois conforme alertam professores e acadêmicos surdos, é complicado assistir e ao mesmo tempo ficar atento ao intérprete traduzindo o filme, estes dizem ser quase impossível.

Deste modo, o papel do intérprete em sala de aula para acompanhar o acadêmico surdo é imprescindível, pois a ausência deste, dificulta todo o processo de ensino aprendizagem, bem como sua presença contribui de forma significativa para o desenvolvimento de conhecimentos novos para os acadêmicos surdos.

3.3. Antes da Pandemia: oficina de práticas pedagógicas acessíveis para acadêmicos surdos e ouvintes

De acordo com o planejamento voltado para a realização de uma prática que buscasse atender as dificuldades explicitadas no trabalho foi realizado uma oficina que proporcionou conhecimentos básicos da Libras como alfabeto manual, diálogo em Libras, relatos de suas experiências no âmbito acadêmico. Além da breve história dos surdos, os ouvintes puderam participar de forma dinâmica da produção de pequenos livros com diálogos, verbos em libras saudações e outros, exercitando os sinais da LIBRAS ensinados durante a oficina.

Esta oficina contou com a presença aproximadamente 50 pessoas entre ouvintes e surdos. No decorrer de cada atividade houve uma interação por parte dos surdos, os quais nos auxiliaram no desenvolvimento de cada atividade. Esta oficina gerou uma aproximação maior, pois aqueles que se sentiam excluídos puderam interagir melhor com os ouvintes que ali estavam. O objetivo foi promover uma prática acessível e a acessibilidade se deu a partir do “aprender Libras”



Figura 7: Oficina de Libras
Fonte: Martins, 2019

Cabe enfatizar que esta oficina promoveu uma aproximação maior entre surdos e ouvintes, contribuindo assim para o diálogo que como observado foi curto, mas produtivo. Atividades como esta favorecem uma comunicação maior, pois sem o conhecimento da Libras é complicado iniciar um diálogo e a prática acessível começa a partir do momento em que os ouvintes percebem a necessidade de conhecer um pouco mais sobre a Língua Brasileira de Sinais.



Figura 8: Oficina de Libras
Fonte: Martins, 2019

E a pesquisa por meio da aplicação da oficina nos permitiu observar o quanto é necessário possibilitar a surdos e ouvintes práticas acessíveis, como vídeo com legendas e outros meios para trabalhar a educação inclusiva que os surdos precisam para melhorar o desempenho acadêmico dos mesmos, independentemente de suas diferenças linguísticas e culturais. Ou seja, o processo de inclusão perpassa pela necessidade de que estes acadêmicos sintam-se envolvidos e, principalmente, incluídos.

3.4. Vivências e Experiências das Licenciadas Surdas no Curso de Geografia

O número de acadêmicos surdos no curso de geografia são 4, considerando que 1 está na fase final da escrita do TCC. Iniciamos a nossa análise baseados nas narrativas de experiência dos acadêmicos surdos em formação.

Os primeiros relatos foram feitos por duas acadêmicas surdas do curso de Geografia e por meio destes buscamos entender a ótica das mesmas a percepção de algumas questões, como: As dificuldades que o acadêmico surdo enfrenta ao ingressar no Ensino superior; Acessibilidade no Centro de Estudos Superiores de Parintins; Os professores utilizam práticas acessíveis durante as aulas; O processo de ensino aprendizagem; A questão do preconceito devido a forma de comunicação por meio da libras; As dificuldades enfrentadas no processo de ensino aprendizagem em tempos de pandemia da COVID-19. Tais questões foram respondidas e expostas em forma de quadro, organizadas em perguntas e narrativas dos participantes da pesquisa.

Narrativas da licencianda surda “Maria Flor”	
Perguntas	Narrativas
a) Quais as dificuldades que o acadêmico surdo enfrenta ao ingressar no Ensino Superior?	<i>“Tentei muitas vezes entrar no ensino superior. Estudava, estudada todos os anos para passar no vestibular e cursar Geografia. Meus familiares e amigos riam de mim, não acreditavam que eu iria conseguir. As dificuldades nas provas dos vestibulares eram muitas, pois nem tudo conseguia compreender, já que estava no idioma português e o que compreendia era a Libras”.</i>
b) Há acessibilidade ao surdo na universidade da qual você frequenta, como ocorre?	<i>“Há acessibilidade, mas precisa de mais. Porque no meu primeiro contato com a universidade foi desesperador. Eu estava querendo informação e fui até a um funcionário e este não entendia o que queria dizer[...] não sabia Libras”.</i>
c) No decorrer do processo de ensino aprendizagem, já sofreu algum tipo de preconceito por ser surdo?	<i>“Muito, muito, muito. O preconceito está presente em todos os cantos no CESP. Sinto que sou incluída, mas ao mesmo tempo excluída por ser surda”.</i>
d) Os professores utilizam práticas acessíveis em sala de aula?	<i>“Os professores tem muitas dificuldades. Eles se esforçam, colocam imagens no slide, filme com legendas [...] Isso ajuda bastante. Mas é preciso que tenha uma metodologia que seja acessível[...] Assim aprenderíamos mais. Por exemplo: O professor explica, explica, explica e o surdo pergunta e as vezes o professor não entende o que o surdo quer saber, mesmo com a interprete traduzindo. A metodologia é a mesma para os surdos e ouvintes.”</i>
e) Quais são as dificuldades enfrentadas no processo de ensino aprendizagem em tempos de pandemia da COVID-19?	<i>“Está sendo complicado. Tem coisas que entendo porque a interprete explica, explica, explica até eu entender. No grupo das disciplina no whatsapp é</i>

	<i>difícil. Muita mensagem, mensagem, mensagem. Eu não consigo entender tudo. Nas lives é bom quando o interprete está traduzindo, mas falha muito, o sinal é ruim. Fica saindo e voltando. E assim eu me perco na aula”</i>
--	--

Tabela 5: Narrativas da licencianda surda “Maria Flor” do curso de Licenciatura em Geografia
Fonte: Martins, 2021

De acordo com a primeira pergunta para Maria Flor, a mesma ressalta que foram muitas tentativas para ingressar no ensino superior, que estudava todos os anos para que conseguisse alcançar seu sonho de cursar Geografia. E embora seus familiares e amigos não acreditassem que iria conseguir, então persistiu e após muitas tentativas conseguiu passar no vestibular. A acadêmica destaca que as dificuldades nas provas dos vestibulares eram muitas, pois nem tudo conseguia compreender, já que estava no idioma Português e o que compreendia melhor era a Libras.

A acadêmica destaca ainda que ao adentrar no CESP causou encanto, já que seu sonho de se tornar professora estaria perto. No entanto, a mesma responde Argumenta que necessitava de mais acessibilidade, pois seu primeiro contato com a universidade foi desesperador, devido a mesma buscar informações e perguntar para um funcionário e este não saber se comunicar com a mesma

No decorrer dos dias foi apresentada a interpretes e tutora, que lhe ajudariam em sala de aula e no contra turno. E o Núcleo de Acessibilidade, onde os mesmos podiam ir para estudar com a ajuda de seus tutores e intérpretes.

No entanto, segundo esta acadêmica, o preconceito permeavam alguns arredores do CESP, e mesmo sendo inclusa, sentia-se excluída por ser surda, este tipo de comportamento partia dos seus colegas de turma e por acadêmicos de outros cursos. E enfatiza que sentia a não aceitação de sua presença, principalmente na formação de grupos para apresentações de trabalhos. Visto que, todos formavam seus grupos e sempre a mesma sobrava. Inclusive tinha que perguntar se podia fazer parte do grupo e com ajuda da professora e intérprete a colocavam em um grupo.

A falta de conhecimento da Libras tanto por parte dos professores quanto dos acadêmicos ouvintes, deixavam o ambiente de sala de aula solitário e desgastante. Pois, segundo ela, seria necessária essa troca de experiência entre surdos e ouvintes, para ambos sistematizarem o conhecimento junto, de forma dinâmica e saudável, sem olhares estranhos e comportamentos seletivos.

Embora esse fato tenha acontecido de maneira frequente nos primeiros meses de aula, logo foi amenizado, pois a mesma esclarece que enfrentou tudo como muita paciência e dedicação nos estudos e no decorrer do processo não dava mais atenção para as pessoas que a criticavam, pois seu maior objetivo estava sendo superado que era o de aprender.

Em relação à pergunta quatro, a licencianda destaca que muitos professores que ministram as disciplinas tinham dificuldade na prática da Libras, no entanto se esforçavam para adequar as aulas para que esta conseguisse aprender, como no uso de imagens nos slides, vídeos demonstrativos com legenda, interação com interprete e surdo.

Entrevista com licencianda “Margarida”	
a) Quais as dificuldades que o acadêmico surdo enfrenta ao ingressar no Ensino superior?	<i>“Me inscrevia no vestibular, estudava, estudava, estudava e não conseguia passar. Continuei tentando até que um dia, recebo a notícia que finalmente consegui passar no vestibular. Pulei, sorri, chorei de tanta alegria[...] não foi fácil, mas me esforcei e consegui cursar geografia”.</i>
b) Há acessibilidade ao surdo na universidade da qual você frequenta, como ocorre?	<i>“Precisamos de mais acessibilidade, por exemplo: é preciso de um núcleo com uma estrutura maior, mais interpretes em sala, formações em libras para os professores, intérpretes, tutores e funcionários. Isso seria prática acessível”.</i>
c) No decorrer do processo de ensino aprendizagem, já sofreu algum tipo de preconceito por ser surdo?	<i>“Sofri preconceito e percebo atitudes segregadoras pelos colegas de turma “Eu não quero fazer trabalho com ela, ela não entende nada”. Tem professor que fala “Como vou avaliar essa escrita, se não possui concordância”.</i>
d) Os professores utilizam práticas acessíveis em sala de aula?	<i>“Consigo compreender muitos conteúdos[...]gosto quando o professor interage comigo[...] É muito bom. Tem alguns que tem dificuldades para usar uma metodologia acessível. Iria melhorar se o professor soubesse um pouco mais sobre a libras para se comunicar”.</i>
e) Quais são as dificuldades enfrentadas no processo de ensino aprendizagem em tempos de pandemia da COVID-19?	<i>“Não consigo acompanhar tudo. Tá sendo difícil. Parece que as aulas pelo whatsapp, google meet não foram planejadas pensando no surdo. Ainda bem que a interprete ajuda bastante a esclarecer as dúvidas”.</i>

Tabela 6: Narrativas da licencianda surda “Margarida” do curso de licenciatura em Geografia
Fonte: Martins, 2021

A licencianda Margarida do curso de geografia, responde às perguntas esclarecendo pontos importante para um melhor entendimento. Em relação à primeira pergunta, a mesma afirma que seu esforço e dedicação ajudaram para que conseguisse cursar Geografia. Apesar de as dificuldades serem grandes, a mesma conseguiu superar. Com base na segunda pergunta é ressaltado que o CESP ainda precisa de uma atenção maior no quesito acessibilidade, desde o investimento para cursos de formação em Libras para todos os funcionários, a uma ampliação da estrutura do núcleo de acessibilidade, bem como formações para os professores, com intuito de contribuir com práticas acessíveis dentro do CESP e a valorização das formações para os intérpretes que fazem a mediação entre Libras e Língua Portuguesa.

Sobre a terceira pergunta a respeito do tema preconceito, percebemos a revolta da acadêmica, pois a mesma menciona que ainda existe muito preconceito por trás da inclusão dos surdos na universidade. E embora, isso não ocorra de forma explícita como agressões físicas, ainda existem tipos de comentário segregadores, por colegas de sala de aula, do tipo: *“Eu não vou fazer trabalho com ela, pois ela não entende nada”*; e por professores: *“Como vou avaliar essa escrita, se não possui concordância”*.

Quanto à quarta pergunta, foi respondido que a prática de muitos professores atende as necessidades de compreensão dos conteúdos, mas há alguns que têm dificuldade em adequar uma metodologia acessível. A acadêmica afirmou que a comunicação para troca de saberes entre ouvintes e surdos é imprescindível, pois todos estão em um mesmo processo, onde a linguagem ocorre de forma diferente, mas a busca a um domínio da língua ou o básico já contribui para que a mesma não se sinta excluída. E esclarece Este ainda comenta que tem vontade de conversar mais com os ouvintes para trocar experiências e que para isso é necessário o esforço em querer conhecer um pouco mais a Libras. Esta atitude seria significativa para que os surdos pudessem se sentir incluídos e sujeitos histórico, bem como toda e qualquer pessoa, produtora de saberes.

Diante das experiências que os surdos vivenciam no Centro de Estudos Superiores de Parintins, enfatizamos o momento atual que contextualiza o período de Pandemia da Covid-19 e destacamos as dificuldades das licenciandas surdas durante esse processo de aulas on-line.

Sobre essa questão, ambas esclarecem que durante esse período de pandemia, o aprendizado está sendo muito fragilizado, pois nem tudo as mesmas conseguem compreender. E os recursos utilizados como grupos no whatsapp, google meet, dentre outros, acabam não suprimindo as necessidades de compreensão. Embora esteja sendo complicado o ensino, as

interpretes tem contribuído bastante para o esclarecimento de algumas dúvidas com relação ao conteúdo estudado.

3.5. Análise de Dados das Entrevistas com as Licenciandas Surdas

Trazemos uma reflexão sobre a primeira questão que trata das “dificuldades que o acadêmico surdo enfrenta ao ingressar no Ensino superior”, percebemos que as dificuldades enfrentadas por eles ao ingressar no Ensino Superior pode estar relacionada a sua trajetória escolar, pois muitos desses não tiveram a mediação dos intérpretes durante a educação básica. Além disso, a pouca compreensão da Língua Portuguesa seria um dos motivos para que muitos não tivessem bom desempenho nas provas, já que tanto a Libras quanto a Língua Portuguesa possuem suas diferenças.

E devido a pouca difusão da Libras na sociedade, as dificuldades permeavam, gerando grande impacto nas inúmeras tentativas de conseguir a aprovação nos vestibulares. Segundo ANSAY (2009), é preciso que se efetive os direitos dos surdos, através de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação no Ensino Superior.

Perante essa problemática é necessário que ocorra de fato o acompanhamento de intérpretes e tutores na mediação no CESP, com finalidade de colaborar com a permanência destes, para que não haja desistência do curso ou falta de acessibilidade.

Sobre a “acessibilidade ao surdo no Centro de Estudos Superiores de Parintins”, verificamos que há um núcleo de acessibilidade, local em que os surdos tem para estudar e desenvolver suas atividades com ajuda de intérprete e tutores. Este ambiente dispõe de alguns materiais pedagógicos que ajudam na compreensão de diversos conteúdo. Além disso há acompanhamento de tutores e intérpretes em sala de aula. No entanto, nota-se que ambas acadêmicas necessitam de mais acessibilidade, como formação em libras para os técnicos e funcionários conseguirem se comunicar e informá-las quando não há um intérprete e tutor ao lado. Outro fator importante é o investimento nas formações pedagógicas dos professores, tutores e intérpretes, afim de garantir aulas didático-pedagógicas aos alunos com Necessidade Educativas Especiais (NEE).

A comunicação pode ser considerada uma prática acessível, pois a partir do momento em que ocorre diálogo entre surdos e ouvintes, há troca de informações, experiências e aprendizados.

De acordo com Girox (1997, p.71):

A interação do grupo proporciona aos estudantes experiências de que necessitam para perceber que podem aprender uns com os outros. Somente através da difusão da autoridade no plano horizontal é que os estudantes serão capazes de compartilhar e apreciar a importância da aprendizagem coletiva. Crucial para este processo é o diálogo.

Logo, a Libras é vital neste processo, constituindo o elo que liga surdos e ouvintes. E as relações estabelecidas, minimizam algumas dificuldades enfrentadas pelos surdos, pois a comunicação propicia o conhecimento e esclarecimento de algumas dúvidas. E o Ensino Superior deve estar preparado para trabalhar essas necessidades especiais, afim de serem supridas ao longo do processo. Haja vista, que incluir o surdo não está ligado somente ao fato de aceitá-los na universidade, mas sim buscar estratégias didático-pedagógicas que possam diminuir as barreiras de acessibilidade enfrentadas pelo surdo.

A respeito das manifestações das acadêmicas quanto ao preconceito ao surdo na universidade, estas demonstram a indignação a comportamentos excludentes com pessoas surdas e com a Libras, que muitas vezes acabam afetando o psicológico e o desempenho da pessoa surda no Ensino Superior.

De acordo com Moreira (2004, p.200):

A universidade inclusiva não aparece de um momento para o outro. Não surge por decreto nem se configura por meio de uma única gestão administrativa. Pelo contrário, desenvolve-se ao longo de um processo de mudança que vai eliminando barreiras de toda ordem, desconstruindo conceitos, preconceitos e concepções segregadoras e excludentes que muitas vezes camufladas pelo silêncio, parecem não existir. É um processo que nunca está finalizado, mas que coletivamente precisa ser enfrentado.

Nesse viés, é necessário que haja mais igualdade no Ensino Superior, começando com o respeito às diferenças e língua da comunidade surda. Embora, o processo de mudanças ocorra de forma gradativa é necessário que se repense posturas e práticas dentro do âmbito superior. Considerando que como os ouvintes, os surdos são pessoas normais que possuem seus direitos garantidos em constituição e precisam ser tratados com o mesmo respeito. Segundo Moreira (2004), é um grande desafio uma universidade com atitudes inclusivas, esta precisa reconhecer que nossa sociedade é diversificada, diferente que o ser humano em sua totalidade é uma pluralidade e não uma uniformidade.

O que se percebe é que os surdos são tratados com indiferença, por serem surdos e não compreendidos por se comunicarem com a libras que é muitas vezes ignorada por parte de muitas pessoas. Considerando o Centro de Estudos Superiores de Parintins possui a disciplina

de Libras em todas as licenciaturas, com intuito destes se informarem e se qualificarem para atender a diversidade encontrada no decorrer de suas práticas docentes. Quanto ao tipo de pensamento equivocado sobre os acadêmicos surdos dentro do CESP, este poderá repercutir dentro das escolas ou qualquer tipo de Instituição de Ensino. É necessário ressignificar algumas posturas em relação ao respeito às diferenças para que seja reconhecida a diversidade de todo e qualquer tipo de pessoa em todos os âmbitos da sociedade.

Quanto a posicionamentos que incluem os surdos porque é direito, mas excluem por não saber lidar com as diferenças, necessitam ser refletidos e desnaturalizados.

Diante das reflexões tecidas a partir das respostas das acadêmicas sobre as práticas acessíveis dos professores em sala de aula.

É necessário que se entenda que a Instituição de Ensino Superior está em processo de inclusão, mas está pouco preparada para garantia desta importante e necessária tarefa quanto ao aprendizado dos acadêmicos surdos.

Considerando o esforço e dedicação dos professores para interagir e socializar os conteúdos de maneira dinâmica e participativa, ainda é necessário que muitas mudanças ocorram para que não tenha despreparo ao receber um surdo em sala de aula, principalmente no quesito metodologia da prática docente.

De acordo com Silva (2000), os professores sentem-se angustiados e frustrados, pois reconhecem o despreparo em propiciar aprendizagens adequadas para os acadêmicos surdos. E isso é notório quando na ausência do intérprete ou tutor, o professor fica sem saber o que fazer.

Com relação ao método de avaliação ao avaliar o estudante surdo, é necessário que se entenda que a avaliação deve levar em consideração as diferenças entre a Libras e a Língua Portuguesa, especificamente na escrita do surdo.

Corroborando com este pensamento, Daroque (2011) ressalta que o olhar do professor e sua postura frente à inclusão é necessária para instigar a participação do aluno surdo, dando oportunidade do mesmo se expressar, pois isto permite que o surdo sinta-se acolhido e mostra que houve planejamento pensado na aprendizagem deste.

Esse planejamento que gera relações dinâmicas em sala de aula são formas de dar acessibilidade ao surdo, tendo em vista, que estes também são sujeitos produtores de conhecimento e a sistematização em sala de aula potencializa não só o processo de aprendizagem dos surdos, mas dos professores e demais colegas de turma, haja vista, que a troca de saberes amplia conhecimento e com isso posturas se reconstróem.

Diante as respostas das licenciandas Maria Flor e Margarida do curso de Geografia, a respeito das dificuldades enfrentadas no processo de ensino aprendizagem em tempos de pandemia da COVID-19, é notória a insatisfação em algumas aulas, visto que toda e qualquer pessoa aprende de acordo com seu processo. E as aulas remotas, tem prejudicado muito os surdos, apesar de terem acompanhamento de interpretes e tutores, não conseguem captar tudo o que está sendo ensinado, principalmente quando a ferramenta utilizada para assistir a aula é o grupo no Whatsaap, eles relatam *“As aulas são muito rápidas, é gravado áudio e depois mensagem, mensagem, mensagem. Eu não consigo entender muita coisa”*.

As aulas remotas foi o recurso utilizado sobre a adaptação durante pandemia para dar continuidade no processo de ensino aprendizagem nos sistemas de ensino de todo o Brasil. No CESP, não foi diferente. Os professores e acadêmicos de todos os cursos de graduação tiveram que adequar-se a esse modo de ensino, através das plataformas virtuais, como google sala de aula, google meet, whatsApp, you tube, dentre outros.

Como aponta Libâneo (2005) é necessário buscar estratégias, procedimentos para ajudar na melhora da capacidade reflexiva sobre a prática para mudar o modo de fazer e como mudar, utilizando as experiências. Em relação ao momento atual, os professores tiveram que se reinventar, buscando estratégias que não estavam em seus planejamentos anteriores. E esse nova adequação ao período de pandemia foi um desafio para todos os setores da educação, bem como para os graduandos dos cursos.

Considerando que todos que estavam em processo de ensino aprendizagem sofreram com problemas como ausência de uma internet de qualidade, falta de aparelhos eletrônicos para que todos tivesse acesso de forma igualitária, o pouco domínio das plataformas virtuais de ensino, além das metodologias que não correspondiam a realidade de todos.

Sobretudo, dos acadêmicos surdos, que possuem uma língua diferente a da Língua Portuguesa e conseguem aprender melhor pelo visual. Segundo SKILAR (1997) *[et al.]*, se o acadêmico utiliza seu campo visual como meio para adquirir com mais facilidade o conhecimento, esta visualidade pode potencializar a educação dos surdos.

Explorando a realidade do acadêmico surdo no Ensino Superior é necessário que se trabalhe estratégias de forma didático- pedagógica essa especificidade, afim de contribuir com o acadêmico surdo, para que este consiga acompanhar as aulas remotas e principalmente aprender de forma satisfatória. Isto é necessário para que o acadêmico consiga entender em tempo hábil o que está sendo explanado na disciplina.

Sobre esta ótica Imbernón (2016, p. 162), acentua:

Ao meu ver as modalidades e estratégias de formação para aumentar a qualidade da formação, é portanto, sua afetividade deve organizar-se, antes de tudo, tendo como base o trabalho em grupo entre o professorado, centrar-se em um trabalho colaborativo para solução de problemáticas que surgem da prática laboral.

Com base nesse pensamento, os desafios devem ser enfrentados através da participação de todos os envolvidos, buscando soluções para que de fato contribuam com o processo formativo dos acadêmicos surdos.

3.6. Relatos dos Professores Sobre as Experiências em Sala de Aula com Surdos no CESP

Na entrevista realizada com três professores que ministram aula para surdos e ouvintes, foram respondidas algumas inquietações a respeito da temática em si. Foram feitas perguntas, como: De que forma ocorre a comunicação entre professor e acadêmico surdo dentro de sala de aula? Há relação de troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos? Como ocorre? Quais metodologias são utilizadas com os acadêmicos surdos em sala de aula? Quais as dificuldades enfrentadas ao dar aula para acadêmicos surdos em tempos de pandemia da COVID-19? Essas inquietações serão respondidas no quadro através de perguntas e narrativas.

Entrevista com a professora “Ana”	
Perguntas	Narrativas
De que forma ocorre a comunicação entre professor e acadêmico surdo dentro de sala de aula?	<i>Minha comunicação com os alunos com deficiência auditiva ocorre através do tutor. A segunda comunicação ocorre de maneira escrita e através das aulas expositivas, onde trabalho bastante com palavras chaves e mapas do conteúdo para facilitar a compreensão dos surdos.</i>
Há relação de troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos? Como ocorre?	<i>Há pouca troca de conhecimento, porque eles são muito tímidos. Quando reduzo a turma a trocar de saberes é melhor, mas ainda assim eles costumam ficar quietinhos nas aulas.</i>
Quais metodologias são utilizadas com os acadêmicos surdos em sala de aula?	<i>Bom, tento falar de frente para eles, mas como eu sou bem agitado como professora e a sala é enorme, então eu ando pela sala e em vários momentos fico de costas. Por isso o tutor é realmente imprescindível nesse processo. No entanto, tento de 15 em 15 minutos colocar algumas palavras chaves do conteúdo e demonstrar onde está localizado no mapa. Também dou 20 minutos na minha sala para tirar dúvidas. É nesse momento que eles se sentem muito mais a vontade para esclarecer as dúvidas</i>

Quais dificuldades enfrentadas ao dar aula para acadêmicos surdos em tempos de pandemia da COVID-19?	<i>Eu utilizei uma metodologia bem diferente na pandemia. Gravei todas as minhas aulas e mandei por pen drive e por e-mail ou Whatsapp, assim os alunos assistem na hora que eles puderem assistir e podem ter acesso mesmo sem internet. Então eles elogiaram muito essa metodologia.</i>
--	--

Tabela 7: Entrevista com a professora “Ana” do curso de geografia
Fonte: Martins, 2021

Em respostas aos questionamentos com a professora Ana, foi exposta sua realidade durante a sua atuação docente com surdos na UEA. E sobre a primeira pergunta acerca da comunicação entre professor e acadêmico surdo, foi ressaltado que ocorre com a mediação da intérprete, pelo fato de o mesmo ter dificuldades com a Libras e as outras comunicações ocorrem de forma escrita e nas aulas expositivas.

Perante a questão sobre a troca de saberes, verificamos que se há desconhecimento da Libras os diálogos ficam rasos ou quase invisíveis e sobre isso o professor relata que devido a timidez dos acadêmicos a troca de saberes é mínima e que os surdos costumam ficar muito quietos em sala.

Sobre as metodologias utilizadas com os surdos, destacamos que é imprescindível a utilização delas afim de potencializar o processo de aprendizagem durante o processo formativo e quanto a isso o professor responde a pergunta dizendo que é muito agitado em sala e muitas vezes acaba esquecendo de algumas coisas importantes, mas o intérprete é essencial nesse processo. Em vista das dificuldades quanto a compreensão o professor afirma que sempre busca sintetizar as explicações para os surdos para que eles compreendam e dispõe de alguns minutos depois da aula para esclarecer dúvidas.

E ainda destacando a sua metodologia quanto as dificuldades enfrentadas durante a pandemia da Covid-19, a mesma relatou que houve grande satisfação por parte dos estudantes, pois ao gravar suas aulas e disponibilizar para ser assistida sem acesso à internet foi muito importante para todos

Entrevista com o professor “Lucas”	
Perguntas	Narrativas
De que forma ocorre a comunicação entre professor e acadêmico surdo dentro de sala de aula?	<i>“A comunicação se dá através da mediação do intérprete. Estou buscando me aperfeiçoar para melhorar a comunicação com os surdos. Lembro-me do meu primeiro contato com um acadêmico surdo no CESP, foi desesperador, pois não sabia a Libras, já que não tinha iniciado o curso e a interprete neste dia ausentou-se, logo pedi ajuda aos colegas de turma para que contribuíssem</i>

	<i>repassando ao acadêmico surdo o que tinha sido explicado”.</i>
Há relação de troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos? Como ocorre?	<i>“Há troca de saberes, pois foi exatamente com meu aluno que aprendi a utilizar alguns sinais da Libras e isso é muito bom, pois à medida que ele está aprendendo em sala o professor e colegas de turma tem o privilégio de aprender alguns sinais de sua Língua e, consecutivamente, conhecer sua história”</i>
Quais metodologias são utilizadas com os acadêmicos surdos em sala de aula?	<i>“Uso metodologias tanto para a interação dos mesmos, como participação, entendimento sobre os estudos e avaliações. Tratando especificamente da avaliação é preciso ficar atenta para a forma com que eles produzem o texto, considerando as ideias centrais e os argumentos na sua totalidade”</i>
Quais dificuldades enfrentadas ao dar aula para acadêmicos surdos em tempos de pandemia da COVID-19?	<i>“É difícil, mas não impossível, pois sempre estou tendo o contato com o intérprete que auxilia o acadêmico surdo e vejo formas para que eles assim como todos consigam acompanhar e entender o que está sendo explorado nos conteúdos”.</i>

Tabela 8: Entrevista com o professor “Lucas” do curso de Geografia
 Fonte: Martins, 2021

Sobre os mesmos questionamentos feitos com o professor Lucas, é enfatizado a mesma problemática em relação as dificuldades no uso da Libras, visto que ainda está fazendo um curso para aprender um pouco mais, para facilitar a comunicação com os acadêmicos surdos. O professor relata que ao se deparar pela primeira vez com um acadêmico surdo, causou desespero, pois não conseguia utilizar os sinais, haja vista, que não tinha iniciado o curso e a interprete neste dia ausentou-se. Logo, o mesmo pediu ajuda aos colegas de turma para que contribuíssem repassando ao acadêmico surdo o que tinha sido explicado. Este destacou *“Percebemos quão crucial é dominar a Libras para que na ausência do interprete não haja um desequilíbrio. Considerando que o professor não irá dar aula em duas Línguas, mas conseguirá utilizar sinais para interagir com o acadêmico surdo quando necessário.”*

Em relação a de troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos, este esclarece que a comunicação maior com o acadêmico surdo se dá através do intérprete e que as dificuldades aparecem quando o mesmo precisa se ausentar, pois quando isso acontece muitas vezes o acadêmico surdo se ausenta da aula também. Mas como enfatiza a mesma:

[...] há troca de saberes, pois foi exatamente com meu aluno que aprendi a utilizar alguns sinais da Libras e isso é muito bom, pois a medida que ele está aprendendo em sala o professor e colegas de turma tem o privilégio de aprender alguns sinais de sua Língua e, consecutivamente, conhecer sua história

Com base na pergunta quais metodologias são utilizadas com os acadêmicos surdos em sala de aula, o professor esclarece que usa metodologias tanto para a interação dos mesmos, como participação, entendimento sobre os estudos e avaliações, tratando especificamente da avaliação a mesma diz ficar atenta para a forma com que eles produzem o texto, considerando as ideias centrais e os argumentos na sua totalidade.

Sobre as dificuldades enfrentadas ao dar aula para acadêmicos surdos em tempos de pandemia, o professor argumenta *“é difícil, mas não impossível, pois sempre estou tendo o contato com o interprete que auxilia o acadêmico surdo e vejo formas para que eles assim como todos consigam acompanhar e entender o que está sendo explorado nos conteúdos”*.

Deste modo, percebemos a consciência da professora sobre suas dificuldades e empenho em buscar melhorar sua prática para que os surdos melhorem o desempenho no aprendizagem.

Sobre os mesmos questionamentos, o professor Mateus relata no quadro abaixo, como se dá a experiência com surdos em sala de aula.

Entrevista com o professor “Mateus”	
Perguntas	Narrativas
De que forma ocorre a comunicação entre professor e acadêmico surdo dentro de sala de aula?	<i>“Lembro-me do primeiro surdo no Cesp, naquele tempo não havia interprete e tínhamos que ir atrás de uma pessoa da família para traduzir. Hoje há comunicação, pois todo surdo é acompanhado por um interprete e assim conseguimos nos comunicar, mas sem o intérprete é difícil, pois sabemos o básico da Libras, mas isso não é suficiente para que tenha uma boa comunicação”</i> .
Há relação de troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos? Como ocorre?	<i>“Há troca de experiência, não é aquela “coisa toda”, mas tentamos. Sobre essa situação fiz curso básico de Libras para haver essa interação com o estudante surdo, ainda assim sinto dificuldades”</i> .
Quais metodologias são utilizadas com os acadêmicos surdos em sala de aula?	<i>“Quando estávamos em sala de aula uma das preocupações era realmente com audiovisuais. Então preparávamos as aulas de forma mais compreensível e com materiais mais adequados, como maquetes e outros.”</i>
Quais dificuldades enfrentadas ao dar aula para acadêmicos surdos em tempos de pandemia da COVID-19?	<i>“As dificuldades estão sendo enfrentadas por todos nesse período de aulas remotas, principalmente o acesso à internet, as ferramentas como computadores, celulares. Sem falar, que uma das maiores dificuldades está no uso das plataformas como google meet, you tube e outros. Não estávamos acostumados com essa forma de ensino, por isso causa tanta dificuldade”</i> .

Tabela 9: Entrevista com a professor “Mateus” do curso de geografia
Fonte: Martins, 2021

3.7. Análise dos Resultados das Entrevistas com os Professores

A trajetória do profissional docente agrega a pesquisa, prática e reconstruções com base em fundamentações teóricas e procedimentos didáticos e metodológicos que precisam estar sempre em processo de aperfeiçoamento para uma prática eficaz.

Partindo do pressuposto que este está sempre em meio à diversidade que exige a apropriação de novos conhecimentos. Destacamos a realidade de três professores, mediante a Educação Inclusiva de acadêmicas surdas do curso de Geografia, do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

Com base na primeira pergunta para os professores a respeito de como ocorre a troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos, verificamos que em meio ao esforço em se comunicar com as acadêmicas há grandes dificuldades, principalmente por não dominarem a Libras.

De acordo com Palma (2004), é por meio do processo comunicativo e interativo que evoluímos com base nos conhecimentos e relações estabelecidas, considerando que estas estão sempre em processo de mudança.

Considerando que a comunicação é um processo dinâmico no qual necessita a interação entre pessoas, a troca de experiências e informações é permitida pelo diálogo, seja surda ou ouvinte. Dentro desse viés os professores do CESP, necessitam de mais formações de Libras, para que ocorra a comunicação em sala de aula, haja vista que esta também é meio para que o surdo desenvolva seus aprendizados.

Nestas perspectiva, a relação de professor e aluno é essencial para potencializar os saberes de ambos, haja vista que nem sempre o intérprete ou tutor estará presente nas aulas com o acadêmico, então a comunicação constitui um meio para que o professor não sofra impacto.

Muito se discute sobre educação inclusiva para pessoas surdas, porém há muitos problemas que ainda permeiam as instituições, onde professores dada a dificuldade de comunicação acabam não interagindo e dialogando com surdos, tanto quanto com toda a turma. Afinal, não basta apenas cumprimentá-los como: Bom dia! Boa tarde! Boa noite. É necessário ultrapassar as barreiras de comunicação e sobretudo dar sentido ao que tanto se escuta sobre “inclusão”, caso contrário o estudante só estará sendo integrado dentro de sala de aula

Com base nas respostas das professoras sobre a questão da troca de saberes entre professor e acadêmicos surdo, a comunicação ocorre através da mediação dos intérpretes e por meio deste é instigado aos surdos, suas opiniões acerca do conteúdo.

Estas enfatizam que a procura por curso de aperfeiçoamento em Libras é real, já que ambas reconhecem suas dificuldades.

Contribuindo com esse pensamento Silva *et. al* (2015) enfatiza que os professores não estão capacitados o suficiente para ministrar aula para alunos surdos. E que a frustração dos surdos ocorre por estes não compreenderem algumas coisas que estão sendo estudadas.

Para tanto, é necessário que se reflita esses problemas com bases nas dificuldades tanto do professor quanto do acadêmico surdo. Corroborando com este pensamento Romanowski (2007) enfatiza que o professor ainda é a peça chave para educação, haja vista que ele atua e conhece sua prática, possibilitando mudanças e inovações, é sobre essas mudanças que muitas práticas se reconstroem.

Com base nas respostas dos professores sobre as metodologias utilizadas com os acadêmicos surdos em sala de aula, é perceptível que técnicas utilizadas para ajudar na compreensão dos acadêmicos surdos, contribuem de forma significativa durante todo o processo. Contudo, no que diz respeito a uma metodologia específica não há, ressaltam que é a mesma metodologia utilizadas com os ouvintes, porém com algumas adaptações.

Moreira (2007) ressalta que essas situações corroboram para que muitos surdos não consigam elevados níveis acadêmicos, mesmo mostrando suas potencialidades de desenvolvimento, tanto quanto de pessoas ouvintes. Com vista nisso, é imprescindível que a inclusão caminhe para avanços significativos e um deles é uma formação adequada para os professores afim de suprir os desafios de suas realidades.

Isaia (2006, p.67) destaca que a “formação permanente, para se consolidar, precisa ser entendida como um processo organizado, sistemático e intencional, a partir do grupo de professores das instituições e das políticas educativas de nível superior.” Ou seja, é necessário que dificuldades sejam superadas e para isso é vital que haja investimentos maiores nas formações e capacitações profissionais.

Quanto as narrativas dos professores sobre as dificuldades enfrentadas em dar aula para acadêmicos surdos em tempos de pandemia, destacamos uma prática de um professor do CESP, que contribui tanto com os acadêmicos surdos de Parintins quanto de outros municípios.

De acordo com site do Governo do Estado do Amazonas (2021) professor surdo do CESP produz em libras vídeo sobre a pandemia da COVID-19, com intuito de informar os surdos sobre sintomas da doença e os cuidados necessários. Essa ação do professor surgiu por observar que não havia materiais necessários para trabalhar e informar aos surdos sobre o cenário da Pandemia.

O professor Marlon (2021), ressalta que foi perceptível que os surdos gostaram e ficaram felizes por poderem compreender as informações sobre os cuidados e atenção que devemos ter diante a pandemia e que devemos nos prevenir usando sempre máscara e álcool gel. Diante disso, percebemos o quanto uma ação pensada para buscar meios que proporcionem acesso à informação e a educação contribui de forma significativa e transformadora.

Trazendo as experiências das professoras que ministram aulas para o curso de Geografia é evidente que envolver uma prática que inclua todos sem distinção de suas necessidades, principalmente em tempos de pandemia é uma tarefa desafiadora. Haja vista, que as aulas de forma remota é algo novo para todos e utilizar os recursos como as plataformas digitais é um processo em andamento. Considerando essas dificuldades estruturais, não há metodologias específica para os surdos, mas sim uma pensadas em todos.

Para Lacerda (2006), é imprescindível a utilização de metodologias adequadas que beneficiem e incluam os alunos surdos, pois considera-se que é papel do professor mediar e incentivar o processo de construção do conhecimento através das relações e interações com o mesmo. Desse modo, a aprendizagem ocorre de forma dinâmica e inclusiva e possibilita a compreensão de todos.

3.8. A Importância do Interprete-Tradutor no Curso de Geografia do CESP.

Como sujeitos importantes no processo de ensino aprendizagens dos licenciandos surdos do curso de Licenciatura em Pedagogia, consideramos importantes dar voz aos intérpretes, os quais acompanham os surdos desde o primeiro período até a coleção de grau. Estes desempenham a importante função de mediar a Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.

Durante a entrevista foram esclarecidas algumas perguntas sobre Como surgiu o interesse em ser interpretes no Centro de Estudos Superiores de Parintins? Qual a importância do intérprete para a formação dos licenciandos surdos do curso de Geografia do CESP-UEA? Quais dificuldades enfrentadas pelos surdos e intérpretes do CESP-UEA? Quais as necessidades da formação continuada para os intérpretes do CESP-UEA? O que seria preciso para haver mais acessibilidade ao surdo no CESP-UEA? Quais as dificuldades enfrentadas pelo intérprete e licenciando surdo nas aulas remotas em momento de pandemia da Covid-19?

Entrevistas com a intérprete “Begônia”	
Perguntas	Narrativas
Como surgiu o interesse em ser intérpretes no Centro de Estudos Superiores de Parintins?	<i>“Foi através do interesse em ser voluntária no CESP para obter mais conhecimento e verificar como se dava a tradução e interpretação dentro da Universidade. E vivenciar como surdos e deficientes auditivos eram recebidos, especificamente pelos acadêmicos e professores em sala de aula”.</i>
Qual a importância do intérprete para a formação dos licenciandos surdos do curso de geografia do CESP-UEA?	<i>“A importância do intérprete nesse processo é o de comunicação, através da tradução e interpretação direta ou inversa. Além disso, o intérprete tem um papel fundamental que é levar mais acessibilidade na hora de trabalhar o visual, porque quando o professor não consegue tornar a explicação do conteúdo acessível é o intérprete quem procura métodos para que o licenciando surdo consiga compreender o que está sendo estudado”.</i>
Quais dificuldades enfrentadas pelos surdos e intérpretes do CESP-UEA?	<i>“Uma das dificuldades é acessibilidade, por não ter uma comunicação antecipada com os professores sobre o conteúdo programado. Para haver uma melhor compreensão do que está sendo estudado é necessário que os professores tenham mais sensibilidade e enviem o material da aula em tempo hábil para o interprete fazer a tradução para os surdos, já que não se trata de apenas traduzir um texto ou áudio é necessário ficar atenta à gramática para que o surdo consiga compreender de fato. E todo esse processo demanda tempo, tornando o processo demorado para os surdos”.</i>
Quais as necessidades da formação continuada para os intérpretes do CESP-UEA?	<i>“Seria muito importante que o CESP oferecesse formação continuada para intérpretes e principalmente aos professores para que prática seja reinventada principalmente na metodologia, para melhor compreensão e aprendizado pelos surdos nesse processo formativo. Na minha opinião, o aprendizado no curso de Geografia tem que partir mais do concreto, por exemplo, utilizando métodos lúdicos como maquetes, para que o surdo possa compreender e alavancar seu conhecimento”.</i>
O que seria preciso para haver mais acessibilidade ao surdo no CESP-UEA?	<i>“Precisamos tornar a universidade mais acessível. E para isso é preciso investimento,</i>

	<i>especificamente para capacitação dos profissionais que atuam no CESP, desde o guarda, técnicos, professores até a diretoria ou vice versa. E, sobretudo, é preciso haver placas de identificação em Libras, como em biblioteca, restaurante universitário, secretária, dentre outros espaços”.</i>
Quais as dificuldades enfrentadas pelo interprete e licenciando surdo nas aulas remotas em momento de pandemia da Covid-19?	<i>“A maior dificuldade que todos estamos enfrentando nas aulas remotas é a internet, pois o sinal é de péssima qualidade e o aprendizado fica muito fragilizado, principalmente quando o professor fica de 1 a 2 horas na plataforma do Google Meet. A tradução fica muito mais complicada e o surdo acaba perdendo muito conteúdo importante da aula. Outra situação, é a falta de sensibilidade de alguns professores em adaptar suas metodologias, pensando nos licenciandos surdos”</i>

Tabela 10: Entrevista com a intérprete “Begônia”
Fonte: Martins, 2021

A primeira intérprete entrevistada tem graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, pós-graduação em docência nível superior em Libras, graduanda de Letras Libras, os cursos básico e intermediário em Libras e outros cursos voltados à educação inclusiva de surdos.

Diante das falas da interprete Begônia, sobre o interesse em ser intérpretes no Centro de Estudos Superiores de Parintins foi relatado que surgiu em meio a curiosidade em saber como se dava o papel do intérprete no processo de ensino aprendizagem dos surdos e principalmente verificar como os surdos eram recebidos em sala de aula. Este interesse em saber mais sobre a vivência dos surdos no ensino superior resultou na busca de aperfeiçoamento na área de interpretação em Libras, tornando-a parte importante do processo formativo dos surdos do curso de Geografia do CESP/UEA.

Quanto à importância do intérprete para a formação dos licenciandos surdos do curso de Geografia do CESP-UEA, percebemos que os mesmos tem um papel essencial nesse processo de formação dos licenciandos surdos, pois estes fazem com que a comunicação de fato aconteça entre surdos e ouvinte ou vice versa. E muito mais que isso, é através do intérprete que o processo de ensino e aprendizagem ocorre de maneira inclusiva, pois como relatado em falas anteriores sem o intérprete fica difícil a compreensão dos conteúdos e a comunicação passa ser mínima.

No entanto quanto à questão das dificuldades enfrentadas pelos surdos e intérpretes do CESP, muito precisa ser refletido, pois uma ação em prol aos surdos geram grandes resultados. Logo, é apontado pela interprete, que é preciso haver sensibilidade para que o processo de aprendizagem ocorra de forma inclusiva e de qualidade.

Em relação às necessidades da formação continuada para os intérpretes do CESP, é ressaltado que é necessário aperfeiçoamento da prática e potencialização das aprendizagens dos licenciandos surdos, com estudos constantes para a descobertas de novos sinais dentro do contexto das disciplinas do curso de Geografia.

Quanto ao que seria preciso para haver mais acessibilidade ao surdo no CESP-UEA, a intérprete Begônia aponta a importância da formação em Libras para todos os profissionais que atuam no CESP e placas em Libras que ajudem na identificação de cada setor da universidade.

Sobre as dificuldades enfrentadas pelo intérprete e licenciando surdo nas aulas remotas em momento de pandemia da Covid-19, foi destacada a falta de uma internet de qualidade, a falta de sensibilidade de alguns professores em fazer adaptações em suas metodologias, tornando-as mais acessíveis para os licenciandos surdos.

Com base nos mesmos questionamentos, apresentamos o resultado da entrevista com a intérprete “Azaléia” no Quadro abaixo:

Entrevistas com a interprete “Azaléia”	
Perguntas	Narrativas
Como surgiu o interesse em ser intérpretes no Centro de Estudos Superiores de Parintins?	<i>“Nunca planejei ser intérprete, mas sempre tive interesse em conhecer um pouco mais sobre a Língua Brasileira de Sinais. Até que surgiu a oportunidade de ser voluntária na UEA, onde tive orientação por uma intérprete experiente do CESP. Logo, busquei especializações na área, pois senti necessidade, já que estava acompanhado uma acadêmica em Matemática. A partir disso, busquei cursos de tradução e interpretação de Libras para melhorar a minha prática e assim contribuir na formação da acadêmica”.</i>
Qual a importância do intérprete para a formação dos licenciandos surdos do curso de geografia do CESP-UEA?	<i>“O papel do intérprete é fundamental para que haja interação entre acadêmico, professor e demais estudantes em sala de aula. É ele que vai intermediar a comunicação seja ela da leitura ou seja ela da língua falada. Na ausência do intérprete fica difícil para o surdo se desenvolver porque os professores não compreendem a Libras. E vale ressaltar que o surdo não consegue se</i>

	<i>desenvolver da mesma maneira que o ouvinte, principalmente quando se trata da leitura e compreensão de um texto, pois trata-se de um processo mais lento e longo”.</i>
Quais dificuldades enfrentadas pelos surdos e intérpretes do CESP-UEA?	<i>“Uma das dificuldades ocorre na chegada do surdo na universidade, pois este espera todo um assistencialismo e acaba confundindo os papéis achando que o intérprete tem que fazer todas suas atividades. Mas logo isso é superado, pois é explicado tudo a eles. Outra situação é a grande espera dos conteúdos, precisamos que enviem antecipadamente para fazermos os vídeos em Libras para os surdos”.</i>
Quais as necessidades da formação continuada para os intérpretes do CESP-UEA?	<i>“A formação continuada é fundamental para sabermos executar nosso trabalho da melhor maneira possível e também para que nós não confundamos o papel em certos momentos como, por exemplo de não fazer as atividades no lugar do estudante surdo ou explicar o assunto no lugar do professor. Há uma necessidade muito grande para uma formação, porque precisamos sempre pesquisar novos sinais que estejam dentro do contexto da Geografia, especificamente das disciplinas”.</i>
O que seria preciso para haver mais acessibilidade ao surdo no CESP-UEA?	<i>“Penso que poderia ter placas em Libras em todos os espaços da universidade e um ou dois intérpretes profissionais exclusivamente da universidade para fazer o atendimento quando o surdo precisasse ir na secretária, assistir um minicurso no auditório e cursos de capacitações para professores”.</i>
Quais as dificuldades enfrentadas pelo intérprete e licenciando surdo nas aulas remotas em momento de pandemia da Covid-19?	<i>“Uma das dificuldades desse período de pandemia é a questão da internet em Parintins que não é boa, então horas pega, horas não pega, principalmente na hora das aulas. E esse problema não só o surdo enfrenta, mas todos que precisam dela para estudar. Percebo que na ferramenta de Whatsapp, mesmo que a internet não esteja boa, conseguimos ter acesso às informações pois ficam arquivadas. Outra coisa é o celular do intérprete e do surdo que não consegue suportar tantos vídeos, tantos elementos que são voltados aos conteúdos. Então conforme muda o conteúdo temos que apagar para dar espaço para novos. E os vídeos todos em Libras acabam sendo perdidos”.</i>

Tabela 11: Entrevista com a intérprete “Azaléia”
 Fonte: Martins, 2021

A segunda intérprete entrevistada tem graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA, pós-graduação em Psicopedagogia, pós-graduação em Libras e atualmente está cursando tradutor e intérprete de Libras. Para a mesma é importante sempre estar em processo de aperfeiçoamento profissional para melhorar a sua prática como intérprete-tradutor.

A intérprete “Azaléia” esclareceu muitas inquietações acerca dos questionamentos levantados. Sobre a primeira pergunta a mesma fala que a oportunidade em ser intérprete voluntária despertou surgiu e despertou a vontade de aprimorar na área.

Quanto à importância do intérprete para a formação dos licenciandos surdos do curso de Geografia do CESP-UEA, a mesma considera ser vital, pois é o elo entre surdo, intérprete e ouvinte que gera a comunicação devido a fragilidade no conhecimento da Libras ser grande tanto por parte dos professores quanto dos colegas de turma. E sem a tradução-interpretação as aulas não são acessíveis aos surdos.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos surdos e intérpretes do CESP-UEA, a mesma frisa a espera por assistencialismo por parte de alguns licenciandos surdos nos primeiros dias de vida acadêmica. No entanto, isso logo é superado por informações acerca do que é função do intérprete dentro desse processo. Outra dificuldade é a grande espera para que o professor envie o conteúdo para ser traduzido e interpretado, buscando a melhor maneira para contribuir com a aprendizagens dos surdos.

E sobre as necessidades da formação continuada para os intérpretes do CESP, a mesma ressalta que é necessário para aprimoramento profissional e conhecimento sobre as funções que o intérprete deve exercer e as que as não devem.

Diante da pergunta do seria preciso para haver mais acessibilidade ao surdo no CESP, a intérprete aponta para placas em Libras para direcionamento dos surdos, intérprete exclusivamente para atendimento dentro da universidade, sobretudo, para ajudar o surdo quando precisasse participar de um minicurso, ir à secretária, biblioteca, dentre outros setores que precisasse de uma mediação do intérprete. A mesma alerta também para a necessidade de investimento em capacitações para os professores do CESP, para potencializar a inclusão em sala.

Em vista das dificuldades enfrentadas pelo intérprete do licenciando surdo nas aulas remotas em momento de pandemia da Covid-19, a problemática da internet de baixa qualidade foi apontada por ambas intérpretes, que gera dificuldades na aprendizagem e a perda de conteúdos em Libras produzidos por intérpretes durante as disciplinas do curso de Geografia.

3.9. Análise dos Resultados da Entrevista com Tradutores-Intérpretes.

A educação para surdos no Ensino Superior só é inclusiva quando há intérpretes de Libras, pois estes profissionais agem de maneira significativa no processo de formação dos surdos, professores e licenciandos da universidade. E proporcionam aos estudantes surdos a aquisição dos conteúdos, comunicação entre surdos e ouvintes através da Língua Brasileira de Sinais. Para Quadros (2004, p.27) o tradutor intérprete é o “profissional que domina a Língua de Sinais e a língua falada no país e que é qualificada para desempenhar a função de intérprete da Libras. No Brasil, o intérprete da Língua de Sinais deve dominar a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa”

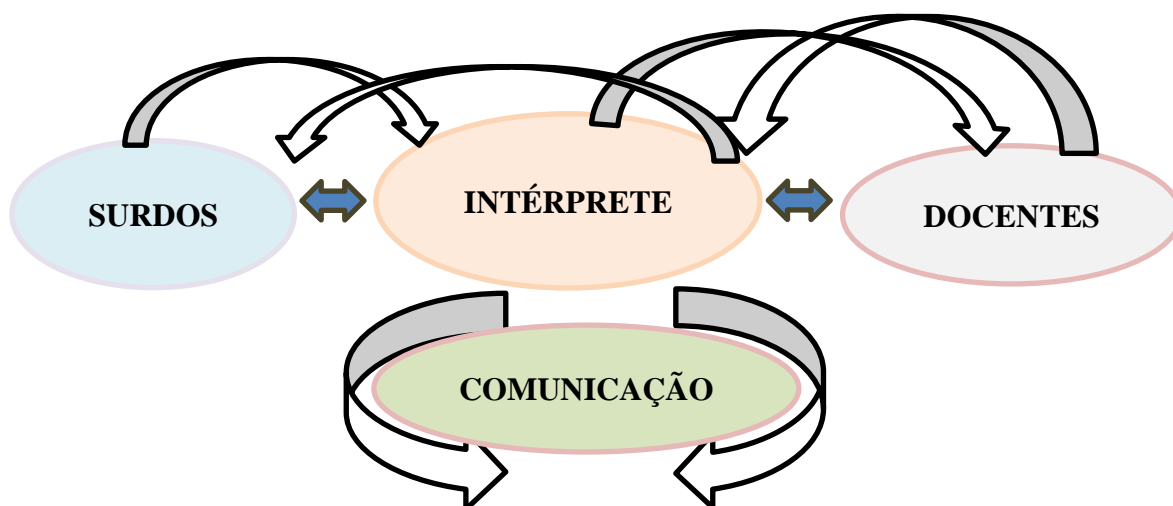


Figura 9: A comunicação entre surdos, intérpretes e docentes

Fonte: Martins (2021)

O elo de ligação entre intérprete e surdo, surdo intérprete e intérprete docente, docente intérprete é primordial, pois gera a comunicação entre duas línguas a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa. E essa relação só ocorre quando os mesmos se comunicam através da Libras.

As intérpretes enfatizaram durante entrevista, que tanto a interação, comunicação quanto mediação na aquisição do conhecimento ocorrem de forma cooperativa entre os surdos, intérpretes e docentes. Para Lacerda (2006, p.21):

o trabalho do interprete não pode ser visto apenas como um trabalho linguístico; também é necessário considerar a esfera cultural e social na

qual o discurso está sendo anunciado, sendo fundamental conhecer o funcionamento e os diversos usos da linguagem Lacerda.

Logo, o trabalho do intérprete é de grande importância no processo formativo, pois na sua ausência em sala de aula fica impossível o surdo adquirir conhecimentos já que tanto professores quanto colegas de turma são ouvintes e não se comunicam de forma plena através da Libras.

No entanto devemos ressaltar que o papel do intérprete é unicamente exclusiva “*a tradução e interpretação direta ou inversa*”, como destaca a intérprete “Begônia” durante entrevista. Sendo assim, o mesmo não pode substituir o trabalho do professor e nem facilitar, respondendo as atividades para os licenciandos surdos.

Outro fator a ser destacado é a importância do professor encaminhar o conteúdo ao interprete de forma antecipada para que o mesmo se planeje para organizar tudo em libras. Sem esse cuidado o processo é demorado e fragilizado, principalmente em tempos de pandemia da Covid-19, onde as dificuldades surgiram, dificultando o processo. Como acentua Lacerda et al. (2011, p. 18)

é necessário que haja uma mudança de postura por parte do professor, que também tem o dever, como educador, de auxiliar o interprete da Língua de Sinais em suas práticas. Se o professor não assumir práticas que favoreçam a atuação do interprete da Língua de Sinais, conseqüentemente, a compreensão do aluno surdo ficará comprometida.

Desse modo, tanto professor quanto intérprete devem trabalhar em parceria para que o trabalho se potencialize e traga benefícios para os licenciandos surdos. Assim, o intérprete pode ajudar o professor a sugerindo atividades que facilitem a compreensão dos surdos sobre o conteúdo estudado e o professor pode ajudar o intérprete disponibilizando o conteúdo de forma antecipada para que o mesmo o aperfeiçoe em Libras, ou seja promova a inclusão na universidade.

Quanto à acessibilidade dentro da universidade, esta é essencial para o processo inclusivo dos graduandos surdos. As dificuldades podem ser solucionadas com capacitações de interpretes atuantes no Cesp, cursos de capacitações em acessibilidade ao surdo, contratação de mais intérpretes para auxiliar nas atividades extras na universidade que os licenciandos surdos participam; palestras de para conscientizar aos ouvintes quanto à diversidade linguística do surdo e, placas em Libras para identificação de cada setor, dentre outros.

Tais ações seriam o começo para tornar a universidade do Estado do Amazonas ainda mais acessível quanto à inclusão de surdos, visto que são necessidades básicas dos licenciandos. E a diversidade linguística não pode ser um interrupto para aproximações entre surdos e ouvintes, visto que ambos são produtores de saberes que tornam as diferenças mais ricas em aprendizagens.

Para Vygotsky (2012), a relação entre sujeito e meio faz parte do processo que gera aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento humano. Desse modo, é essencial que haja essa relação e troca de saberes entre pessoas de línguas diferentes, pois é por meio da interação que novos saberes são adquiridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho “Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins” Teve como objetivo Analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de Geografia no Centro de Ensino Superior de Parintins.

A partir da pesquisa, percebemos o quanto é importante conhecer a realidade inclusiva por meio das experiências dos surdos no âmbito da educação superior e evidenciar as dificuldades enfrentadas como a comunicação, falta de acessibilidade antes e durante a pandemia da Covid-19, tanto pelos licenciandos surdos, quanto pelos professores e intérpretes durante o processo formativo do curso de Geografia. Esse reconhecimento se deu através da entrevistas realizada com os mesmos.

Diante disso, verificar a problemática como a acessibilidade, mais intérpretes no CESP, capacitações para professores e intérpretes, palestras de conscientização da comunidade surda para todos os cursos de graduação, foi de grande relevância para compreendermos e evidenciar através das narrativas as necessidades de uma educação mais inclusiva na universidade.

Verificamos que a universidade embora esteja em processo inclusivo, disponibilizando de núcleo de acessibilidade, intérpretes e tutores. Ainda assim, necessita novas adequações pensando na inclusão, sobretudo, na acessibilidade durante o processo formativo de todos os surdos do CESP, para que amenize dificuldades na aprendizagem, comunicação, preconceito e outros.

Nas entrevistas com os professores ouvintes, foi perceptível a dificuldade em se comunicar e principalmente pensar em uma metodologia que contribua de forma significativa para aprendizagem dos licenciandos surdos do curso de Geografia.

Em vista, das narrativas com os participantes da pesquisa foi notório através da narrativas a necessidade de tornar a universidade ainda mais inclusiva, começando pelo respeito de ouvintes para com os surdos e da melhoria na comunicação e interação em sala de aula com professores e colegas de turma.

Portanto, através do estudo podemos compreender quão importante é dar voz aos surdos em meio ao processo de ensino aprendizagem, visto que a formação de professores nos permite ampliar os conhecimentos com realidades instigantes. Foi este entusiasmo que permitiu adentrar no ambiente investigativo para aprofundar os estudos acerca da inclusão de surdos no Ensino Superior. E através deste, contribuir para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS. **Plano Estadual de Educação do Amazonas** – PEE-AM 2015,2015^a. Disponível em: <http://diário imprensaoficial.am.gov.br/diariooficial/>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- AMAZONAS. Decreto-Lei n.6331 de 13/05/1982. Cria na estrutura da Secretaria Estadual de Educação as escolas especiais: Augusto Carneiro dos Santos, Diofanto Vieira Monteiro e Joana Rodrigues Vieira. **Diário oficial do Amazonas**, Manaus, AM, 13 de maio de 1982.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24/04/2002.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22/12/2005
- BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN**. Brasília: **Ministério da Educação**, 1996. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>Acesso em: 10 de Junho. 2019
- ANSAY, N. N. **A trajetória escolar de alunos surdos e sua relação com a inclusão no Ensino Superior**. Curitiba, 2009. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.
- BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. In: Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1986^a
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro ed, 2003.
- CANDAUI, Vera Maria Ferrão. **Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/04.pdf> / Acesso em: 29 ago.2014.
- COMUNICAÇÃO, Atual Amazonas. **Professor da UEA produz vídeo para informar surdos sobre pandemia**. Ano: 2020. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/professor-da-uea-produz-video-para-informar-surdos-sobre-pandemia>. Acesso em: 28/05/2021
- CARVALHO, Vicente. **Universidade Federal do Amazonas forma primeiro mestre surdo**. Ano: 2017. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/universidade-federal-do-amazonas-mestre-surdo/>. Acesso em: 25/05/2021.
- CASSIA, Ana. **Inclusão do sujeito surdo na Amazônia foi tema de Seminário na UFRA**. Ano: 2017. Disponível em: https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1222:inclusão-do-sujeito-surdo-na-amazonia-foi-tema-de-seminario-na-ufra&catid=17&Itemid=121. Acesso em: 29/05/2021
- DAROQUE, S. C. **Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária**. Piracicaba, 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba.
- FELIPE, T. A. **Libras em contexto: curso básico: livro do estudante**. 7. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS editora gráfica, 2011.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**; Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ISAIA, S. M. A. **Desafio à docência superior: pressupostos a considerar**. In: RISTOFF, Dilvo & SEVEGNANI, Palmira (org.). **Docência na educação superior**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. Coleção Educação Superior em Debate; v.5;

IMBÉRNON, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária**. São Paulo: Cortez, 2016.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Caderno Cedes, vol. 19, n 46. Campinas, 1998.

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem professores e intérpretes sobre essa experiência**. Caderno Cedes, Unicamp, Campinas, v. 26, nº 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. In: Coleção UAB – UFSCar. **Língua de Sinais Brasileira: uma introdução**. São Carlos: Departamento de Produção Gráfica da USFCar, 2011.

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, Maura Corcini. **A mediação material e significativa no processo de integração de crianças surdas**. In: SKILAR, Carlos et al. (org). **Educação e exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2004.p.58-74.

MOREIRA, L. C. **Universidade e alunos com necessidades educacionais especiais: das ações institucionais às práticas pedagógicas**. Tese de Doutorado em Educação. 224 p. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

MOREIRA, Patrícia Aparecida Leite. **O fator linguístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda**. 2007. [on-line].

MORAES, Jânio. **Uea cria Comissão de Políticas para Pessoas Surdas**. Ano: 2020. Disponível em: <https://metropolitanomanaus.news/uea-cria-comissao-de-politicas-para-pessoas-surdas/>. Acesso em: 23/05/2021

PERLIN, G. T. **Surdos: cultura e pedagogia**. In THOMA, A.S., M.C (org). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. 3.ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpex, 2007.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. RAMOS, Francineide Nogueira. A educação inclusiva, em busca da formação do humano. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho. (org). **Construindo trilhas, refazendo caminhos: alguns pontos de reflexão sobre educação e diversidade**. João Pessoa: UFPB, 2012, p.21-37.

RODRIGUES, Iara de Nazaré. RODRIGUES, Liliana. **Educação e Surdez: Superando as Diferenças**. Manaus-Amazonas: FBN, 2013. In **Teoria e Prática da Educação especial**- UEA 2007.

RODRIGUES, Iara de Nazaré. RODRIGUES, Liliana. **Educação e Surdez: Superando as Diferenças**. Manaus-Amazonas: FBN, 2013. In **Teoria e Prática da Educação especial**- UEA 2007.

SAMPAIO, I. S; SANTOS, A. A. **Compreensão em leituras e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.7, n.I, p.31-38, jan.2002.

SKILAR, Carlos. **A localização política da educação bilíngue para surdos**. In Skilar, C. (org.) Educação e Exclusão. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1997/2004

SILVA, Gisele Oliveira da. SILVA, Katyuscia Maria da **o uso de imagens como estratégia de ensino de libras como l1 e língua portuguesa como l2 para os surdos**. Revista Includere, Mossoró, v. 1, n. 1, p. 53-63, Ed. Especial, 2015. Disponível em: < . Acesso em: 09 de junho de 2020.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**, tomo III. Madrid: Pedagógica, 1984/2012.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Título da Pesquisa: Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins

Nome do (a) Pesquisador (a): Fabiana Martins Farias

Nome do (a) Pesquisador/Orientador(a) Responsável: Professora Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo.

Nome do (a) Pesquisador/Co-Orientador(a) Responsável: Professora Dra. Simone da Silva Souza

Apêndice A¹

Termo de assentimento livre e esclarecido-TALE

Eu, María de Fátima R. Cativo, concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, que tem como pesquisador responsável Fabiana Martins Farias, aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), orientado pela prof^a Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo que podem ser contatados pelos correios eletrônicos: fabianamartisfarias98@gmail.com e keilamoedo@hotmail.com e pelo telefone (92) 991310377.

Estou ciente que a pesquisa tem o objetivo de: Analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de geografia /CESP-UEA.

E minha participação consistirá em conceder entrevistas, participar de diálogos com a pesquisadora, bem como conceder registros de fotografias, áudios e anotações.

Compreendo que este estudo possui a finalidade de um trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sei que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, que minha participação não gera vínculo institucional com a Universidade do Estado do Amazonas e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Parintins, 26 de maio de 2021

Fabiana Martins Farias

Fabiana Martins Farias

María de Fátima R. Cativo

Assinatura do (a)colaborado (a)

¹ Maria de Fátima Ribeiro Cativo - 1827020101

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Título da Pesquisa: Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins

Nome do (a) Pesquisador (a): Fabiana Martins Farias

Nome do (a) Pesquisador/Orientador(a) Responsável: Professora Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo.

Nome do (a) Pesquisador/Co-Orientador(a) Responsável: Professora Dra. Simone da Silva Souza

Apêndice A²

Termo de assentimento livre e esclarecido-TALE

Eu, Maria Gláucia de Souza dos Santos, concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, que tem como pesquisador responsável Fabiana Martins Farias, aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), orientado pela prof^a Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo que podem ser contatados pelos correios eletrônicos: fabianamartisfarias98@gmail.com e keilamoedo@hotmail.com e pelo telefone (92) 991310377.

Estou ciente que a pesquisa tem o objetivo de: Analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de geografia /CESP-UEA.

E minha participação consistirá em conceder entrevistas, participar de diálogos com a pesquisadora, bem como conceder registros de fotografias, áudios e anotações.

Compreendo que este estudo possui a finalidade de um trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sei que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, que minha participação não gera vínculo institucional com a Universidade do Estado do Amazonas e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Parintins, 26 de maio de 2021

Fabiana Martins Farias

Fabiana Martins Farias

Maria Gláucia de Souza dos Santos

Assinatura do (a)colaborado (a)

² Maria Gláucia de Souza dos Santos - 1827020045

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE**

Título da Pesquisa: Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins

Nome do (a) Pesquisador (a): Fabiana Martins Farias

Nome do (a) Pesquisador/Orientador(a) Responsável: Professora Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo.

Nome do (a) Pesquisador/Co-Orientador(a) Responsável: Professora Dra. Simone da Silva Souza

Apêndice A³

Termo de assentimento livre e esclarecido-TALE

Eu, Estevan Bartoli, concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, que tem como pesquisador responsável Fabiana Martins Farias, aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), orientado pela prof^a Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo que podem ser contatados pelos correios eletrônicos: fabianamartisfarias98@gmail.com e keilamoedo@hotmail.com e pelo telefone (92) 991310377.

Estou ciente que a pesquisa tem o objetivo de: Analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de geografia /CESP-UEA.

E minha participação consistirá em conceder entrevistas, participar de diálogos com a pesquisadora, bem como conceder registros de fotografias, áudios e anotações.

Compreendo que este estudo possui a finalidade de um trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sei que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, que minha participação não gera vínculo institucional com a Universidade do Estado do Amazonas e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Parintins, 26 de maio de 2021

Fabiana Martins Farias

Fabiana Martins Farias

Estevan Bartoli

Assinatura do (a)colaborado (a)

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP**

³ Estevan Bartoli – 4453 - ebartoli@uea.edu.br

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Título da Pesquisa: Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins

Nome do (a) Pesquisador (a): Fabiana Martins Farias

Nome do (a) Pesquisador/Orientador(a) Responsável: Professora Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo.

Nome do (a) Pesquisador/Co-Orientador(a) Responsável: Professora Dra. Simone da Silva Souza

Apêndice A⁴

Termo de assentimento livre e esclarecido-TALE

Eu, Jovelina Almeida da Silva, concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada Narrativas sobre as vivências e experiências dos licenciandos surdos no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, que tem como pesquisador responsável Fabiana Martins Farias, aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), orientado pela prof^a Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo que podem ser contatados pelos correios eletrônicos: fabianamartinfarias98@gmail.com e keilamoedo@hotmail.com e pelo telefone (92) 991310377.

Estou ciente que a pesquisa tem o objetivo de: Analisar as experiências por meio das narrativas dos licenciandos surdos do curso de geografia /CESP-UEA.

E minha participação consistirá em conceder entrevistas, participar de diálogos com a pesquisadora, bem como conceder registros de fotografias, áudios e anotações.

Compreendo que este estudo possui a finalidade de um trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Sei que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, que minha participação não gera vínculo institucional com a Universidade do Estado do Amazonas e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Parintins, 26 de maio de 2021

Fabiana Martins Farias

Fabiana Martins Farias

Jovelina Almeida da Silva

Assinatura do (a)colaborado (a)

⁴ Jovelina Almeida da Silva – Tradutora/Intérprete de Libras

Apêndice B

Foi elaborado um roteiro para a realização da entrevista que continha perguntas, mas que manteve-se aberto a novas perguntas de acordo com as respostas adquiridas pelos entrevistados. A entrevista ocorreu por meio da plataforma WhatsApp, através de áudios e mensagens

Roteiro de Entrevista para acadêmicos surdos do curso de geografia

1. Quais as dificuldades que o acadêmico surdo enfrenta ao ingressar no Ensino superior?
2. Há acessibilidade ao surdo na universidade da qual você frequenta, como ocorre?
3. No decorrer do processo de ensino aprendizagem, já sofreu algum tipo de preconceito por ser surdo? Os professores utilizam práticas acessíveis em sala de aula?
4. Quais são as dificuldades enfrentadas no processo de ensino aprendizagem em tempos de pandemia da COVID-19?

Apêndice C

Foi elaborado um roteiro para a realização da entrevista que continha perguntas, mas que manteve-se aberto a novas perguntas de acordo com as respostas adquiridas pelos entrevistados. A entrevista ocorreu por meio da plataforma whatsApp, através de áudios e mensagens

Roteiro de Entrevista para professores

1. De que forma ocorre a comunicação entre professor e acadêmico surdo dentro de sala de aula?
2. Há relação de troca de saberes entre professor e acadêmicos surdos? Como ocorre?
3. Quais metodologias são utilizadas com os acadêmicos surdos em sala de aula?
4. Quais as dificuldades enfrentadas ao dar aula para acadêmicos surdos em tempos de pandemia da COVID-19?

Apêndice D

Foi elaborado um roteiro para a realização da entrevista que continha perguntas, mas que manteve-se aberto a novas perguntas de acordo com as respostas adquiridas pelos entrevistados. A entrevista ocorreu por meio da plataforma whatsApp, através de áudios e mensagens

Roteiro de Entrevista para intérpretes

1. Como surgiu o interesse em ser interpretes no Centro de Estudos Superiores de Parintins?
2. Qual a importância do interprete para a formação dos licenciandos surdos do curso de geografia do CESP-UEA?
3. Quais dificuldades enfrentadas pelos surdos e interpretes do CESP-UEA?
4. Quais as necessidades da formação continuada para os interpretes do CESP-UEA?
5. O que seria preciso para haver mais acessibilidade ao surdo no CESP-UEA?
6. Quais as dificuldades enfrentadas pelo interprete e licenciando surdo nas aulas remotas em momento de pandemia da Covid-19?